



**Elizabeth Nóbrega
Vaz**

**Configurações do Espaço em *A Selva* e *A Criação
do Mundo***



**Elizabel Nóbrega
Vaz**

Configurações do Espaço em *A Selva* e *A Criação do Mundo*

dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Línguas, Literaturas e Culturas, realizada sob a orientação científica do Doutor António Manuel dos Santos Ferreira, Professor Associado com Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro

Ao Diogo, sempre...

o júri

presidente

Professora Doutora Maria Fernanda Amaro de Matos Brasete
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professor Doutor António Manuel dos Santos Ferreira
Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro

Professora Doutora Sara Raquel Duarte Reis da Silva
Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade do Minho

Agradecimentos

Neste momento, em que importa dizer as últimas palavras, começo por agradecer, primeiro, à minha família. Ao Diogo e ao Rui, pela paciência e incentivo, nos momentos menos bons.

Manifesto também o meu reconhecimento e gratidão para com o meu orientador, Professor Doutor António Manuel dos Santos Ferreira, pela disponibilidade, apoio e preciosas sugestões de melhoria deste trabalho.

palavras-chave

Ferreira de Castro, Miguel Torga, espaço, selva, emigração, Brasil.

resumo

O presente trabalho propõe-se analisar os romances *A Selva*, de Ferreira de Castro, e *A Criação do Mundo*, de Miguel Torga, lançando um olhar sobre a questão do espaço e salientando a sua importância enquanto elemento estruturante de ambas as obras.

Considerando a integração das obras estudadas na categoria das narrativas com pendor autobiográfico, a análise realizada tentará explicar de que forma a percepção que as personagens (à deriva num universo misterioso e selvagem) têm do espaço, em cada momento, é condicionada pelo seu estado de espírito e pelas circunstâncias.

keywords

Ferreira de Castro, Miguel Torga, space, jungle, emigration, Brazil.

abstract

This dissertation aims to examine the novels *A Selva* by Ferreira de Castro, and *A Criação do Mundo* by Miguel Torga, particularly the narrative category of Space, emphasizing its importance as a structuring element in both novels. Considering the integration of these novels in the category of autobiographical narratives, our analysis will try to explain in what way the perception that the characters (adrift in a mysterious and wild universe) have regarding the space, in each moment, is conditioned by their state of mind and circumstances.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I.....	9
Ferreira de Castro e Miguel Torga: dois percursos literários.....	9
1. Percurso de vida e emigração para o Brasil.....	9
1.1. Ferreira de Castro – aspetos biográficos.....	9
1.1.1. A genialidade de Ferreira de Castro.....	17
1.2. Miguel Torga – aspetos biográficos.....	19
1.2.1. Miguel Torga e o seu sofrimento criador.....	22
Capítulo II.....	25
Configurações do Espaço: realidade ou ficção?.....	25
Conclusão.....	81
I – Bibliografia ativa.....	86
1. Obras dos autores.....	86
II – Bibliografia passiva.....	86
1. Sobre Ferreira de Castro.....	86
2. Sobre Miguel Torga.....	87
3. Outros estudos.....	88

Introdução

A escrita desta dissertação emerge de um grande entusiasmo, aliado a uma infinidade de interrogações, dúvidas, e algumas (poucas) certezas, resultantes do trabalho de pesquisa e estudo.

Impõe-se, antes de nos debruçarmos sobre o tema principal da dissertação, uma análise do percurso existencial de Ferreira de Castro e de Miguel Torga, percurso esse que não é alheio à sua criação literária, pois, tal como afirma Ortega y Gasset, cada obra de arte é um troço da vida de um homem e da sua intimidade, que se exprime por meio da obra (*apud* Ortega y Gasset, 2005).

Sendo a intenção deste trabalho explicar de que forma a trajetória de vida se reflete no espaço e condiciona a sua perceção, importa, antes de mais, perceber como a vivência de Ferreira de Castro e a de Miguel Torga condicionou a apresentação e descrição dos espaços nas obras em análise: *A Selva* e *A Criação do Mundo – O Segundo Dia*.

É na análise comparativa destas duas obras – romances em que o protagonista descreve não só a sua trajetória existencial, mas também toda uma série de acontecimentos determinantes para a sua maturidade física e intelectual (e que influíram na maneira como, em cada momento, encara e experiencia o ambiente espacial envolvente) – que radica o objeto do presente trabalho.

Como afirma António Freire, num estudo sobre Miguel Torga, «os dados autobiográficos não são toda a realidade, mas uma manifestação dela. São como hieróglifos que é necessário interpretar, para desentranhar a realidade humana que neles está oculta». (Freire, 1990: 9) Assim, e de acordo com esta perspetiva, pretender-se-á demonstrar que, em ambas as obras, as contingências de uma vida difícil determinaram diferentes perceções de um espaço que, sendo o mesmo, suscita sentimentos distintos e, por vezes, até contraditórios, mercê do estado de espírito ou das circunstâncias em que é descrito.

O estudo comparativo destas duas obras estruturar-se-á em duas partes. Num primeiro capítulo, e partindo de dados biográficos destes escritores, numa perspetiva contextualizante, far-se-á uma análise comparativa do seu percurso de vida, em muitos aspetos semelhante, sobretudo no que diz respeito ao fenómeno da emigração para o Brasil que, a determinada altura da vida, ambos experienciaram.

O segundo capítulo incidirá, de forma pormenorizada, sobre cada uma das obras em estudo, dando ênfase ao tratamento narrativo do espaço em ambos os romances, particularmente no que diz respeito à forma como este é encarado por ambos os protagonistas em diferentes momentos da narrativa. A comprovada relevância que essa categoria assume nos romances foi uma das razões que nos levaram a privilegiar este importante elemento narrativo. A leitura das obras permite, aliás, visualizar claramente o conflito entre a força esmagadora e opressiva da natureza amazónica e o homem que ousa penetrar nos seus domínios. Note-se que o espaço da Amazônia não se reduz à condição de simples cenário, adquirindo, pelo contrário, uma dimensão animizada que suscita os mais variados sentimentos nos protagonistas e que, por sua vez, é percecionado de forma diferente, em resultado dos estados de espírito daqueles em diferentes momentos. A selva amazónica assume-se, portanto, como uma personagem que provoca incessantemente aqueles que têm a ousadia de nela se embrenharem, seja voluntária ou involuntariamente, como é o caso dos protagonistas de Ferreira de Castro e de Miguel Torga.

Por fim, e a partir da exploração dos aspetos comuns e das diferenças existentes entre estas duas obras, pretender-se-á confirmar que um mesmo espaço pode ser encarado e vivenciado de forma diferente e até oposta, em virtude das experiências pessoais. Assim, e apesar das diferenças decorrentes de estilos muito próprios, propomo-nos demonstrar que estes dois romances (que se aproximam no facto de ambos narrarem, em determinado momento, a história do homem confrontado com a selva e as transformações resultantes dessa experiência) apresentam o mesmo espaço, descrito ora de forma semelhante, ora de forma contrastante.

Pretendemos que a análise comparada das duas obras torne possível responder às interrogações que se nos colocaram num primeiro momento de reflexão: Pode um mesmo espaço ser percecionado de formas diferentes em diferentes momentos? Pode um mesmo espaço suscitar sentimentos diferentes e até opostos? Em que medida o estado de espírito da personagem influencia a perceção que tem do espaço que a rodeia?

Importa esclarecer que o objetivo deste trabalho não é a análise exaustiva das obras em estudo. É, sim, a influência que o meio selvagem da floresta brasileira exerce sobre as personagens e o modo como estas o percebem e descrevem que mais nos interessa documentar. Nesse sentido, far-se-á a seleção dos excertos que, em ambos os romances, melhor cumpram esse objetivo e permitam uma visão comparativa entre os aspetos que pretendemos observar.

De modo a objetivar a pesquisa, centraremos a nossa atenção nas categorias «espaço» e «personagem», ambas de extrema importância nas narrativas em análise, porquanto a primeira (que assume especial relevância nas obras em estudo) é um elemento determinante na construção e configuração da segunda.

A reflexão sobre Ferreira de Castro, particularmente sobre uma das suas obras mais emblemáticas, surge do desejo de revitalizar a leitura de um escritor meu conterrâneo, outrora tão reconhecido e hoje tão injustamente banido dos nossos programas escolares. Por outro lado, impunha-se a comparação com *A Criação do Mundo – O Segundo Dia*, dadas as semelhanças do percurso de vida de Ferreira de Castro e Miguel Torga. Com efeito, as duras experiências por eles vividas em terras do Brasil, particularmente os tempos passados na floresta brasileira, moldaram a personalidade de ambos, na medida em que propiciaram a essência do enredo: a história de um homem em confronto com a selva e a transformação que sofreu como resultado dessa experiência.

Como já foi referido, o espaço, como categoria narrativa, assume, em ambos os romances, uma importância fulcral, porquanto surge como elemento determinante na construção da personagem e, por extensão, do autor, dado tratar-se, no caso de *A Criação do Mundo – O Segundo Dia*, de um romance autobiográfico, e, em *A Selva*, de um romance que contém fortes biografemas autorais. Pareceu-nos, portanto, interessante a possibilidade de estabelecer uma visão de intertextualidade entre duas obras de registos simultaneamente tão semelhantes e tão diferentes, separadas temporalmente, mas que apresentam o espaço da selva como uma «quase personagem» que ora deslumbra, ora atemoriza a personagem que a observa e com ela «convive». Segundo Leonel Vieira, cineasta que realizou o filme *A Selva* com base na adaptação do romance homónimo, o cerne da narrativa em ambas as obras reside no «confronto humano com a selva, na transformação face à natureza

esmagadora, numa experiência tão básica, tão física e tão carnal que transforma completamente um homem [...]». ¹

Reconhecendo a importância que a descrição do espaço da selva amazônica assume no romance, o mesmo cineasta afirma que «*A Selva* é muito impressionista»,² pois o seu autor «escreve pintando». ³ Essa capacidade só é possível, segundo a opinião do mesmo realizador, a «quem cresce no campo e sabe olhá-lo»,⁴ o que lhe permite «o entendimento de situações e paisagens rurais como a selva pede». ⁵ Esta postura mostra o reconhecimento da importância que o espaço tem na narrativa romanesca, como veremos mais adiante. O próprio Ferreira de Castro, num prefácio ao livro, admite que na sua história há pouco enredo e muitas descrições espaciais. Nesse sentido, o título da obra é inequívoco: a selva é, sem dúvida, a protagonista. Daí a exuberância, voragem, frémito e fulgor com que é descrita.

Do ponto de vista narratológico, o espaço é a categoria da narrativa que, por excelência, mais imediatamente favorece a articulação com as restantes categorias, na medida em que integra «os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da acção e à movimentação das personagens». (Reis; Lopes, 1996: 135) É precisamente essa interação entre as categorias do espaço e da personagem, com enfoque especial nos protagonistas, que nos propomos observar em ambos os romances, nos quais a descrição é o modo de expressão privilegiado para veicular a informação, quer em relação ao espaço, quer no que diz respeito à relação da personagem com o meio que a rodeia. Segundo Aguiar e Silva, a descrição é usada pelo narrador para produzir o «efeito do real», transmitindo, dessa forma, a informação. (Silva, 1982: 708) No caso concreto do romance de Ferreira de Castro, é a figura do narrador que, na terceira pessoa, assume a responsabilidade da descrição, pintando de forma impressionista a selva amazônica e as reações que esta vai suscitando no espírito do protagonista, à medida que se movimenta naquele universo natural. Já no respeitante ao romance *A Criação do Mundo – O Segundo Dia*, é o próprio narrador autobiográfico quem, evocando momentos e situações que põem

¹ Entrevista ao *Diário de Notícias*, de 13 de novembro de 2000.

² Reportagem de Carlos Câmara Leme «Ferreira de Castro rodado na Amazônia», in *Público*, de 12 de junho de 2001.

³ Entrevista ao *Público*, de 12 de dezembro de 2001.

⁴ *Ibidem*.

⁵ *Ibidem*.

à prova a sua capacidade memorial, descreve um espaço a um tempo perigoso, poderoso e espetacular, que influencia o seu desenvolvimento físico, intelectual e social.

Privilegiando uma perspectiva cronológica, começaremos por apresentar a trajetória de vida de Ferreira de Castro. Seguidamente, faremos um percurso semelhante relativamente a Miguel Torga, confrontando aspetos biográficos comuns a ambos.

O presente trabalho focará a dramática aventura do autor de *A Selva*, desde Ossela à Amazónia, e procurará demonstrar como, em última análise, a selva amazónica, inegavelmente bela no seu mistério natural, surge, aos olhos do autor (e do protagonista do seu romance), como um «inferno verde», após uma série de descobertas relacionadas com a exploração do homem e muitas provações.

O nascimento de Ferreira de Castro no seio de uma família modesta, e a sua acutilante inteligência, que, por virtude das dificuldades económicas, não teria eco na sua pátria, foram sem dúvida fatores determinantes da sua ida para terras do Brasil com apenas doze anos de idade. E o que inicialmente seria encarado como uma viagem maravilhosa ao Eldorado viria a revelar-se um autêntico inferno, porquanto o escritor ficou a conhecer, como ninguém, e nas palavras de António Amorim, «o “coração das trevas” a que o seu semelhante era capaz de descer: o inferno, de que a “selva” amazónica é poderosa metáfora, mostra-no-lo o grande escritor em imagens poderosas e (da pior maneira) inesquecíveis». (Amorim, 2001: 8)

Ferreira de Castro defronta-se, assim, com o pecado da cobiça levado até ao paroxismo, cobiça essa que transfigura o homem até à bestialidade. Ao descobrir que o homem não é necessariamente bom, este escritor acredita que vale a pena lutar por ele e é nessa luta que reside o cerne da sua existência. A vivência gerada pela cobiça, em que se confunde o homem que explora o seu semelhante com as bestas circundantes, num espaço selvagem e indescritivelmente belo, é estudado e exposto de forma clarividente e crítica por este autor.

Muitos estudiosos se questionam sobre as circunstâncias da génese do amor aos homens em Ferreira de Castro, que ele próprio tantas vezes declarou. As suas inúmeras intervenções não deixam dúvidas quanto ao contributo decisivo da sua experiência brasileira, um período fulcral da sua vida que englobou a adolescência e início da idade adulta. E o romance *A Selva*, pela matéria autobiográfica que encerra, assume-se como uma obra especial que explica momentos importantes na formação da sua personalidade.

Com efeito, os dias vividos no seringal Paraíso e os primeiros tempos em Belém do Pará, depois do seu regresso da selva, foram decisivos no moldar de uma personalidade solidária e fraterna, fruto das atrocidades que testemunhou. Como o próprio escritor afirma, «Como ser humano e como escritor senti qualquer força poderosa a integrar-me com o brasileiro nordestino. Foi uma solidariedade espontânea e superior. Foi desse sentimento de fraternidade e amor que saiu *A Selva*».⁶

A este respeito, Ricardo Alves afirma o seguinte:

[...] a obra do romancista de *A Selva* encerra:

- 1) uma tentativa de compreender o mundo, pensar os seus problemas e de os questionar;
- 2) a consciência de que o Homem é um ser complexo e contraditório;
- 3) inconformismo perante uma organização social injusta que está na origem duma maioria de deserdados que, então como agora, vivem nas margens do sistema. Para Ferreira de Castro, no entanto, os homens não são – não podem ser – uma massa que se conduza como um rebanho, mas indivíduos com realidades específicas e detentores duma dignidade que lhes advém da sua condição humana – que nunca poderá estar desligada da liberdade [...]. (Alves, 2002: 16-17)

A inspiração autobiográfica deste romance, e a projeção do autor na personagem de Alberto, que enfrenta, juntamente com os seus companheiros de desdita, as angústias provocadas pela sua tomada de consciência da injustiça social, possibilitarão uma relação especial da personagem com o espaço, com o qual comunga muitas vezes, mas do qual se distancia e abomina tantas outras. Com efeito, «Ferreira de Castro sentiu todo aquele horror, mas também, ao chegar, todo o encantamento da terra sedutora». (Brasil, 1961: 26) E o sofrimento que daí advém, aliado às difíceis condições de vida num local bravio e inóspito, levam a personagem a encarar o espaço como um lugar cuja descrição oscila entre uma beleza fulgurante e um odioso inferno, mercê do seu estado de espírito em diferentes momentos.

O nosso estudo irá focar o protesto deste escritor contra a fatalidade humana, contra certas leis da Natureza e a sua crueldade, protesto esse espelhado na forma como descreve os lugares que, por força da sua trajetória de vida, foi obrigado a percorrer. A descrição

⁶ *Correio de São Paulo*, 1935.

desses lugares exóticos obedece, de facto, a uma fusão entre personagem e espaço (sendo este último uma projeção da primeira) com uma saturação de adjetivos que aludem à luz e à cor, à beleza, à vivacidade e dinamismo, mas também à crueldade, ao mistério, ao perigo e selvajaria.

Refletindo sobre Miguel Torga, tentaremos demonstrar que são essencialmente quatro os fatores que determinaram a sua vida: o seu nascimento em Trás-os-Montes, no seio de uma família rural; a frequência do Seminário em Lamego; a emigração para o Brasil; e a vida em Coimbra. (Freire, 1990: 10) Tendo por base esses quatro fatores, procurar-se-á explicar a influência que cada etapa da vida de Miguel Torga, e os condicionalismos que a sujeitaram, exerceram sobre a forma como encarou e vivenciou os vários espaços por onde passou (sobretudo o da floresta brasileira), palco da sua existência, ora feliz, ora melancólica e amargurada. É o próprio Miguel Torga quem, no Prefácio à tradução francesa com que inicia o seu livro, afirma que «Todos nós criamos o mundo à nossa medida. [...] Criamo-lo na consciência, dando a cada accidente, facto ou comportamento a significação intelectual ou afectiva que a nossa mente ou a nossa sensibilidade consentem. E o certo é que há tantos mundos como criaturas». (Torga, 1997: 6)

O carácter enigmático e quase indecifrável do escritor dificulta, no entanto, a sua compreensão. Tal facto é confirmado por Eloísa Álvarez, a tradutora do poeta para espanhol, que considera Torga um autor pouco acessível. (*apud* Álvarez, 1978)

Começar-se-á pela infância de Torga, quando frequentava a escola primária e «Subia a quelha, atravessava o Eirô sob a copa do negrilho, cumprimentava o senhor Arnaldo, sempre de plantão nos cobertos, e diante da loja das Pintas já levava a fralda de fora». (Torga, 1997: 11) Nesta altura, Torga deliciava-se com a paisagem rural, sempre amena, dos seus dias de meninice. E nem mesmo durante a descrição do funeral da mãe consegue evitar o desfrutar de uma paisagem, numa deliciosa mistura de sensações, que lhe recorda os seus dias de infância:

A primavera estava no seu esplendor. A azálea amarela, à entrada do portão, parecia um sol vegetal. Os lilases enchiam o ar de perfume quente. As glicínias caíam em festões do muro do quintal. Nos campos, em aleluia também, as papoilas sorriam e as espigas ondulavam. E era através desse festival cósmico que o cortejo avançava, moroso, em direcção ao cemitério. (*ibidem*: 448)

O nosso percurso continuará com a fase da adolescência do escritor, altura em que experimenta uma curta passagem pelo Seminário, que não o entusiasma, após o que, por decisão do pai, emigra para o Brasil. E é a sua estadia neste país longínquo e, na altura, inóspito, que constituirá a base da nossa reflexão.

Conscientes do risco em que incorremos ao longo destas páginas, trata-se de uma tarefa complexa e certamente inacabada. Pretendemos, contudo, contribuir para a reflexão sobre estas duas obras e trazer à discussão algumas questões que poderão propiciar o surgimento de outros trabalhos, dando continuidade à proposta de leitura aqui apresentada.

Capítulo I

Ferreira de Castro e Miguel Torga: dois percursos literários

1. Percurso de vida e emigração para o Brasil

1.1. Ferreira de Castro – aspetos biográficos

Não pretendemos, neste ponto, traçar, de forma muito exaustiva, o percurso de vida dos autores, mas apenas colocar em evidência os acontecimentos que, pela sua relevância, mais claramente se refletiram nas obras que teremos como referência, sobretudo do ponto de vista das categorias do espaço e da personagem.

José Maria Ferreira de Castro nasceu a 24 de maio de 1898 em Salgueiros, aldeia da freguesia de Ossela, concelho de Oliveira de Azeméis, sendo o primogénito de quatro filhos, no seio de uma família pouco abastada, cujas dificuldades económicas vieram a agravar-se com a morte prematura do pai, em 1906. Até aos quatro anos, não há dados biográficos sobre o menino Zeca (assim conhecido na aldeia), como o próprio afirma: «São quatro anos iguais a uma noite escuríssima onde não é possível acender luz alguma». (Moreira, 1959: 18)

Ferreira de Castro revelou-se um estudante aplicado e curioso, porém tristonho e tímido e pouco dado à convivência com os colegas, facto determinante no percurso académico que viria a seguir mais tarde. Aos nove anos completa os seus estudos primários e realiza o seu primeiro exame, episódio que recorda com orgulho:

[...] ficando, de todos os examinandos, apenas eu e o filho do professor a estudar para o segundo. É que os pais dos meus condiscípulos entendiam que estes, para a vida, necessitam apenas de saber fazer quatro operações e ler e escrever uma carta para o Brasil... (Brasil, 1961: 13-14)

O seu espírito aventureiro e a sua precoce predisposição para as questões sentimentais (como mostra a sua prematura paixão por uma moça mais velha, Margarida, cuja indiferença muito o fazia sofrer), ao que se aliou um ambiente familiar distante e

pouco afetuoso, revelar-se-iam fundamentais para o seu desejo de partir para o Brasil, país que surge, como aliás era tradição na altura, como o símbolo de um futuro mais risonho.

Com apenas doze anos, e após o consentimento da família, José Maria embarca no vapor inglês *Jerôme* rumo a Belém do Pará, ávido, como tantos outros antes e depois dele, de novas aventuras, de melhores condições de vida, mas, sobretudo, de uma liberdade que ainda não tinha alcançado na sua terra natal:

O Brasil era a liberdade, a fuga à tutela familiar – e o mistério... Mas era, sobretudo, o gesto másculo, o gesto do homem que ele queria ser aos olhos de Margarida. (Moreira, 1959: 22)

O destino final seria, no entanto, a selva amazónica, para cujo interior o jovem é empurrado por força das circunstâncias, já que o conterrâneo que lhe prometera colocação em sua casa, arrependido talvez dessa decisão, e para se desembaraçar do encargo, resolvera arranjar-lhe trabalho numa plantação de borracha, cujo proprietário conhecia, pois vinha periodicamente ao Pará tratar dos seus negócios. Essa plantação de borracha situava-se na região sul-americana formada pela bacia do rio Amazonas – o mais caudaloso e um dos mais longos – que nasce na Cordilheira dos Andes e desagua no estado brasileiro do Pará. Esta colossal mancha hidrográfica possui um substancial número de afluentes, de entre os quais o rio Madeira, em cuja margem se situa o Seringal Paraíso, palco da vivência do escritor durante algum tempo e cenário da ação central da obra em estudo:

Se foi morosa e tristonha a viagem do *Jerôme* no trajecto de Leixões ao Pará, ainda mais demorada e prenhe de ansiedade foi o percurso fluvial no moderno barco que o transportou da capital do Pará ao seringal Paraíso, no coração amazónico, jusante às margens do rio Madeira!... (*ibidem*)

É no meio do Seringal Paraíso (nome curioso dadas as atrocidades com que ali se iria defrontar) que irá testemunhar o sofrimento, a miséria e a degradação humana:

Chegado à selva chorou amargamente ao ouvir o apito do barco que partia e o deixava abandonado naquele “inferno verde” [...]. (*ibidem*)

Por força destas vivências, e devido ao seu olhar europeu, despreparado para um universo tão plural e tão exuberante, inicialmente irá encarar a selva como uma prisão, com um clima traiçoeiro e inúmeros perigos que darão matéria à sua consagrada obra *A Selva*, objeto do presente trabalho. Atente-se no que, a este respeito, escreveu Jaime Brasil:

Ao chegar ante a prodigiosa terra brasileira, todo o emigrante sente um deslumbramento. Pode o imigrante, depois, padecer tormentos como se padece em todo o Mundo. Antes, porém, recebe um banho lustral, um baptismo purificador, uma lufada de ar livre, coada pelas árvores que mergulham as frondes nas ondas revoltas. Tudo é doce nessa terra bendita: os frutos que brotam espontâneos, as vozes e os sorrisos das mulheres, os cantos das aves, de cores maravilhosas. Toda a amargura gerada no desamparo, na algidez ou no inferno duma viagem na terceira classe daqueles tempos, amortece. Sem o deslumbramento que dá a terra brasileira, o emigrante que desembarcava desses navios seria uma fera sedenta de vingança social.

Ferreira de Castro sentiu todo aquele horror, mas também, ao chegar, todo o encantamento da terra sedutora. (Brasil, 1961: 26)

Quando, passados mais de três anos, regressa a Belém do Pará, Ferreira de Castro publica a sua primeira obra, *Criminoso por Ambição*, a qual retrata a sua passagem pelo inferno do seringal, experiência que irremediavelmente o marcou para a vida. Tal regresso afigurou-se-lhe difícil, já que, sem trabalho, viveu momentos atribulados que o obrigaram a desempenhar vários ofícios.

O ano de 1919 marca o seu regresso à pátria e, como acontecera com tantos outros, o Brasil não o transformara num homem rico:

Este «brasileiro de torna-viagem» enriqueceu-se, também, à custa do Brasil, mas não com o ouro ou com as gemas das suas minas, nem com o suor dos que lá labutam. Enriqueceu-se com os eternos valores espirituais, com a única riqueza verdadeira que é a da cultura, a da vida interior vivida na meditação e no estudo, a da vida pública vivida com dignidade. (*ibidem*: 27)

A sua estadia no Brasil teve, portanto, uma importância fulcral que o referido estudioso reconhece:

O rapazinho de Ossela ficou a dever muito ao Brasil: deve-lhe a sua glória; mas o Brasil também deve muito a Ferreira de Castro: deve-lhe o seu novo descobrimento e o vibrante apelo a favor das condições de vida dos seus trabalhadores. A selva brasileira foi revelada à Europa graças a esse emigrante então anónimo e obscuro; mas o imigrante, enclausurado na penitenciária da selva, ao arrancar do peito os acentos patéticos da sua solidariedade com os seringueiros cearenses e maranhenses, guardou para si, como norma de vida, toda a doçura, toda a delicadeza, toda a bondade do Brasil. (*ibidem*)

Dedicando-se inicialmente à colheita de borracha, e sofrendo provações medonhas nessa difícil labuta, acabou por adoecer, facto que terá favorecido a sua sorte, uma vez que condicionou a sua ida para a sede do Paraíso, onde viria a ocupar uma posição condigna com os seus conhecimentos, finalmente reconhecidos pelo dono do seringal. Este seu novo emprego ter-lhe-á possibilitado a convivência com pessoas de rudimentar cultura e o contacto com alguns livros e jornais. Lendo tudo quanto podia obter do muito pouco que ao Paraíso chegava, foi desenvolvendo o seu espírito, onde começava já a emergir o seu grande génio literário.

A melhoria das condições de vida não foi, porém, suficiente para o fazer esquecer a sua condição de «prisioneiro» num imenso e despovoado «campo de concentração» onde repetidamente evocava, saudosista, a sua pátria.

A sua vida na selva foi dura e desoladora e o seu contacto com o espaço, onde a vegetação era ao mesmo tempo luxuriante e bizarra, e a floresta imensa, trágica, enigmática e misteriosa, viria a revelar-se fundamental na estruturação da obra em estudo. É neste inóspito lugar que, aos catorze anos, começa a escrever o romance que tem por cenário a selva e por protagonista um pobre seringueiro que, tal como ele, partira de Portugal em busca de fortuna naquelas longínquas paragens, tendo encontrado apenas desgraça. Efetivamente, a sua estadia no seringal Paraíso, durante três anos e meio, permitiu-lhe estudar ao pormenor a fauna e a flora daquele mundo bárbaro e assombroso, com o qual estabeleceu uma relação nem sempre harmoniosa. Quando finalmente, em outubro de 1914, teve a oportunidade de se libertar daquela prisão, não a desperdiçou. Embarcou no Sapucaia, que viera carregar borracha acumulada no seringal, e partiu, não sem uma certa saudade (apesar de tudo), para Belém do Pará.

As suas expectativas de ser acolhido pelo seu antigo protetor saíram, no entanto, frustradas, pois este encarara como um ato de desobediência a fuga de Ferreira de Castro do Paraíso e desejava, prontamente, colocá-lo num outro seringal. Perante a recusa do escritor, e após quinze dias de hospedagem, foi Ferreira de Castro obrigado a abandonar esse lugar, após o que viria a iniciar um novo ciclo de vida ainda mais difícil que o anterior.

Não obstante as inclemências da natureza e a melancolia do isolamento na inóspita região do seringal Paraíso, a fome nunca antes batera à sua porta. Agora, adolescente e possuidor de méritos literários, embora não reconhecidos, viria a atravessar um período torturante, cheio de ansiedades e desilusões, com muitos dias sem pão e sem abrigo. Ironicamente, sentia saudades do seringal, onde, apesar de todas as dificuldades, encontrara sempre uma mesa farta. Tendo exercido várias tarefas que, embora a custo, lhe permitiram sobreviver, Ferreira de Castro consegue finalmente concretizar a sua ambição literária que desde a infância o empolgara e fora o que mais contribuía para a sua evasão da selva: torna-se colaborador do jornal *A Cruzada*, onde teve a oportunidade de dar a conhecer as suas ideias.

Os seus textos foram bem acolhidos por todos aqueles que eram explorados e desejavam libertar-se. Apesar da sua efémera existência, este jornal foi essencial na vida de Ferreira de Castro, dado que foi o responsável pelo seu reconhecimento como escritor, tendo possibilitado a sua subsistência e tendo aberto as portas para um mundo literário que até aí lhe estava interdito. Segue-se a sua participação no *Jornal dos Novos* e, aos dezoito anos, a publicação em fascículos do seu primeiro romance, *Criminoso por Ambição*, escrito na selva três anos antes. É a partir desta altura que os primeiros ecos do escritor chegam a Portugal, onde o jornal *Opinião*, de Oliveira de Azeméis, várias vezes referenciou o talento literário deste conterrâneo, congratulando-se pela escolha da freguesia de Ossela para cenário da ação do referido romance e salientando o interesse que ele despertara.

Após o regresso à pátria, em 1919, e depois de uma rápida passagem pela sua aldeia, fixa-se em Lisboa, onde teria de começar uma nova vida, mas agora com a experiência que o trabalho jornalístico realizado no Brasil lhe concedera. O reconhecimento que ganhara no Brasil não tardou a chegar em Portugal, fruto não só da sua atividade jornalística, mas também da publicação de várias obras.

Em outubro de 1927, Ferreira de Castro conhece aquela que viria a ser a sua companheira, Diana de Liz, pseudônimo literário de Maria Eugénia Haas da Costa Ramos, jornalista e escritora de reconhecida cultura.

Quando, passados três anos, gozava o êxito que a publicação de *A Selva* lhe granjeara, Ferreira de Castro sofre um duro golpe provocado pela morte prematura da sua companheira, de que só viria a recuperar completamente muitos meses depois.

A partir de 1935, e conciliando o trabalho jornalístico com o de escritor, a sua produção literária passa a refletir as múltiplas viagens que ia realizando. Em 1940, publica *A Tempestade* e, sete anos depois, *A Lã e a Neve*.

Em 1958, Ferreira de Castro recebe o convite do povo para se candidatar à Presidência da República, convite esse que recusou por considerar não possuir as qualidades políticas para tal cargo.

Em 1959, quarenta anos após o seu regresso, Ferreira de Castro volta ao Brasil, a convite da União Brasileira de Escritores e aí recebe múltiplas homenagens, tendo-se tornado cidadão honorário do Rio de Janeiro.

Em Portugal, desempenhou a função de Presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores entre 1962 e 1964. Recebeu o Prémio Catenacci em 1967, da Academia de Belas Artes de Paris, pela sua obra *As Maravilhas Artísticas do Mundo*. Um ano antes, e por ocasião do cinquentenário da sua atividade literária, foi agraciado com vários eventos comemorativos, entre os quais uma exposição bibliográfica e iconográfica, edições especiais ilustradas, a edição do *Livro do Cinquentenário da Vida Literária de Ferreira de Castro* e a inauguração de um monumento à sua obra numa praça de Oliveira de Azeméis.

O seu romance *O Instinto Supremo*, publicado em 1968, considerado o romance de despedida à Amazónia, reflete, mais uma vez, os seus ideais antirracistas e a sua preocupação com o ambiente, também patentes na obra em estudo.

A União Brasileira de Escritores apresentou, em 1969, a candidatura conjunta de Ferreira de Castro e Jorge Amado ao Prémio Nobel da Literatura. Um ano depois recebe o Grande Prémio Águia de Ouro do Festival do Livro de Nice.

Numa outra viagem ao Brasil, em 1971, volta a ser largamente homenageado, tendo recebido, da Academia do Mundo Latino, o Prémio da Latinidade, conjuntamente com Jorge Amado e Eugénio Montale.

No ano de 1973, faz doação de grande parte do seu espólio ao povo de Sintra, tendo explicado que «Ao despojar-me das minhas coisas parece-me estar no começo de uma vida nova, sem escamas!... Fiz esta doação porque amo profundamente aquela vila, pela imensa poesia da natureza sintrense, onde tanto meditei e sonhei, e pelo seu povo tão meu amigo. Fi-lo porque foi em Sintra que escrevi, durante cerca de trinta anos, a maior parte da obra que realizei nesse longo período, o mais fecundo da minha vida. Decidi fazer a doação ao concelho de Sintra e não à Câmara Municipal por isso não implicar nenhuma transigência ideológica, uma vez que eu mantenho inflexivelmente as minhas ideias de sempre. Mas é justo dizer que a Câmara compreendeu bem essa minha atitude».⁷

A morte por acidente vascular cerebral viria ao seu encontro a 29 de junho de 1974, numa altura em que vivia, com emoção, os tempos subsequentes à Revolução dos Cravos. E nem nos dias que antecedem a sua morte, passados a maior parte do tempo em coma profundo, deixou Ferreira de Castro de recordar o espaço da selva onde passara amargos momentos da sua juventude. A este respeito, o jornal *O Primeiro de Janeiro*, de 1 de julho desse ano, escrevia:

Nos poucos momentos de lucidez, recordou as aves e as árvores do Amazonas, onde viveu quando jovem.

E o jornal *O Século*, do mesmo dia, informava:

Nos últimos momentos Ferreira de Castro articulou várias frases em francês e espanhol e falou em português, percebendo-se que evocava o Amazonas, as árvores e os pássaros [...].

Esta derradeira evocação confirma, se dúvidas houvesse, o magnetismo misterioso que a selva (espaço ao mesmo tempo admirável e temível) exerceu sobre o escritor, que a apresenta de formas tão diversas quantos os seus diferentes estados de espírito em vários momentos, o que constitui o objeto de estudo do nosso trabalho. Citando António Amorim, «talvez Ferreira de Castro, ao morrer, tenha apenas retornado à sua verdadeira origem. E, posto que os seres amazónicos das suas últimas visões são os antípodas dos reptantes que tanto o intimidavam, talvez aquele regresso e estas visões sejam o símbolo da

⁷ *Diário Popular*, de 3 de abril de 1973.

transcendência final de todas as antinomias. Então, o escritor terá partido como um daqueles sábios imortais da China lendária que, a caminho das ilhas bem-aventuradas, cavalgavam grous através do espaço. Só que o seu veículo terá sido uma das aves vislumbradas na antecâmara da morte. E aquelas ilhas, em vez de sitas no chamado paraíso ocidental, estariam no coração virgem da Amazônia». (Amorim, 1998: 74)

Por vontade do escritor, os seus restos mortais foram sepultados numa das encostas do Castelo dos Mouros, em Sintra.

1.1.1. A genialidade de Ferreira de Castro

A escrita da primeira obra, *Criminoso por Ambição*, com apenas catorze anos, mostra o seu enorme talento literário, a par do qual começava já a desenhar-se a sua atividade jornalística. Em 1917, funda, juntamente com o seu compatriota J. Pinto Monteiro, o jornal *Portugal*, cuja prosperidade rapidamente lhes permitiu uma vida desafogada.

De volta à pátria, torna-se colaborador em vários jornais, dos quais se destacam *O Luso*, *A Tarde* e *Imprensa Livre*, todos, porém, com vida efémera. Publica artigos e crónicas nas revistas *A Hora* e *A B C* e no jornal *O Tempo*. Os contos e romances que entretanto escreve vão sendo publicados em folhetins, enquanto procura, denodadamente, afirmar-se no meio jornalístico e literário da capital. No entanto, as dificuldades económicas voltam a ensombrar a vida de Ferreira de Castro, que, agora como intelectual, experiencia na capital da sua pátria as mesmas privações que no Brasil suportara como trabalhador sem distinção. O escritor recorda, por isso, com saudade o Brasil que, devido à profunda nostalgia da sua terra natal, abandonara quando a fortuna começara a sorrir-lhe.

Em 1922, no livro *Mas...*, Ferreira de Castro lembra a sua estada no Brasil e evidencia o amor e a saudade pela grande nação onde, desde a infância à adolescência, vivera e onde muito sofrera em contacto com um espaço que, na altura, se lhe afigurava inóspito e que agora recorda como possuidor de inegável beleza:

Foi no Amazonas que nasceu o meu primeiro desejo: – que criou asas e aspirou a voos a minha fantasia: – que tiveram no meu peito uma nave sonora os primeiros versos da Beleza e da Vida. O Amazonas é um poema de sensualismo vegetal. Na sensualidade potente e mórbida da selva, ao crepúsculo, eu fui homem. Porque... Da minha estética literária amante já havia sido a floresta Virgem: – onde deslizam sombras vermelhas de guerreiros selvagens e malhas brancas de tigres altivos. A tapeçaria da minha arte é a tapeçaria poliforme do Amazonas. O esplendor verde das suas alvoradas possantes, o vulto negro da tristeza universal a ajoelhar ante o crepúsculo de labaredas, moram no meu coração [...] Hoje o Amazonas é a minha pátria: – o museu das minhas imagens: – a silenciosa biblioteca onde se acumulam todas as variantes da Beleza. (Moreira, 1959: 99)

As dificuldades que enfrenta na sua pátria fazem-no esquecer as privações e dissabores que enfrentara no seringal Paraíso e, posteriormente, em Belém do Pará, onde vivera embriagado com a cor e com a maravilha cenográfica das margens do Amazonas.

Após a publicação de várias obras – *Criminoso por Ambição* (1916), *Alma Lusitana* (1916), *Carne Faminta* (1921), *Mas ...* (1922), *Sangue Negro* (1922), *O Êxito Fácil* (1923), *A Boca da Esfinge* (1924), *A Morte Redimida* (1925), *Sendas de Lirismo e de Amor* (1925), *A Epopeia do Trabalho* (1926), *A Casa dos Móveis Dourados* (1927), *O Voo nas Trevas* (1927), entre outras – e acalentado pelo êxito de *Emigrantes* (1928), Ferreira de Castro empreende um trabalho gigantesco no qual retrata o drama dos desbravadores da selva amazónica que extraíam borracha à selva enigmática e misteriosa. A publicação de *A Selva* surge, assim, numa altura de ascensão literária deste ilustre escritor e viria a consagrá-lo definitivamente. Com efeito, este romance immortaliza o seu autor e rapidamente alcança sucesso tanto em Espanha como no Brasil, porquanto revela, de forma magistral, a epopeia dos esforçados desbravadores da floresta amazónica. É o próprio autor quem, no pórtico da obra, afirma:

Eu devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazónica, pelo muito que nela sofri durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anónimos desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crónica definitiva, que à extracção da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência. (Castro, 1980: 15)

A Selva foi um êxito universal que deu finalmente, após uma caminhada duríssima, a glória ao seu autor, aliada a uma confortável situação financeira. A consagração resulta, assim, de uma obra que, nas palavras de Jaime Brasil, «é a epopeia do trabalho, no seio da floresta amazónica, vivida pelo autor na adolescência». (Brasil, 1961: 47)

Ferreira de Castro permanece um dos autores portugueses mais traduzidos no mundo. Pela sua verdade simples e despreziosa,⁸ leitores de diferentes épocas e lugares continuam a identificar(-se com) o infortúnio do emigrante português e a sua triste saga por terras do Brasil.

⁸ Ferreira de Castro é considerado por muitos o precursor do neorrealismo em Portugal.

1.2. Miguel Torga – aspetos biográficos

Miguel Torga, pseudónimo literário de Adolfo Correia Rocha, nasceu a 12 de agosto de 1907 em São Martinho de Anta, concelho de Sabrosa, Trás-os-Montes, no seio de uma família de condição humilde e rural, à semelhança de Ferreira de Castro.

Começamos pela sua infância, pois, tal como afirma Fernão de Magalhães Gonçalves, «Toda a vida humana é uma história de infância». (Gonçalves, 1998: 17) E em Torga, a sua infância, enquadrada num meio primitivo e miserável, adquire uma importância extrema, porquanto lhe molda o carácter duro e, por vezes até, hostil. Gonçalves acrescenta ainda que Torga, «Homem de um perfil temperamentalmente imperativo, sibilino e paciente, tem nos modos e no carácter o jeito da dignidade rural que o investiu [...]». (*ibidem*: 18)

Miguel Torga revela, aliás, um fervoroso amor à sua terra natal, apesar das dificuldades e constrangimentos com que esta o presenteou. Não é, certamente, alheio a este sentimento o pseudónimo que Adolfo Rocha adotou para a sua atividade literária: Torga, em homenagem à torga ou urze, uma planta silvestre que relembra a cada passo o seu infinito apego à terra. É o próprio Torga quem afirma:

Rico ou pobre, tosco ou civilizado, cosmopolita ou não, o transmontano sabe que apenas uma oportunidade lhe foi dada na vida: ser transmontano. Pode cobrir-se de todos os disfarces, tentar desfigurar-se com as tatuagens mais bizarras. No cerne, no cerne, a verdade dele é só uma: ser um caibro do tecto de Portugal. (Herrero, 1979: 57)

E é nesta ligação íntima e especialíssima que o poeta estabelece com a terra, não só a natal como todas aquelas por onde teve, segundo afirma, a «fortuna» de passar, que iremos focar o nosso trabalho.

As dificuldades económicas obrigaram-no a procurar sustento noutras paragens, tendo sido criado de servir no Porto, ainda com tenra idade, ao que se seguiu uma passagem muito breve pelo Seminário de Lamego, a conselho do pai, que assim julgava poder livrar o filho de um destino igualmente pobre:

Nascer numa aldeia transmontana de pais camponeses modestos é entrar na vida, já em si mesma incerta e laboriosa, pela porta da insegurança sem arrimo. A vida rústica,

em todo Portugal, tem sido signo de servidão sem recompensa nem trégua. Pelo começo do século, e em Trás-os-Montes, o campo pesaria como condenação a morte lenta, a agonia sem fim. O pai de Miguel Torga não se conformou com a pena da enxada sobre a gleba a que o filho seria votado e concebeu uma saída mais benigna: o Seminário. (*ibidem*)

O Seminário apresenta-se, assim, e como era habitual na altura, como a melhor solução para fugir ao destino miserável dos homens do povo. No entanto, o regime austero que o mesmo impunha faz com que o adolescente Adolfo se sinta numa prisão. Mas é sobretudo o dogmatismo religioso e a falta de liberdade de pensamento, factos a que era tão avesso, que levam o jovem rebelde a abandonar o Seminário no segundo ano.

Em 1920, com treze anos apenas (sensivelmente com a mesma idade com que, na sua altura, emigrara Ferreira de Castro), embarca, ao cuidado de um tio, para o Brasil, onde exerce várias atividades ligadas ao campo na Fazenda de Santa Cruz (Banco Verde), estado de Minas Gerais, lugar onde permaneceu durante cinco penosos anos. Tratou-se de uma segunda tentativa de libertar o jovem do seu malfadado destino, a qual não se veio a revelar, contudo, frutífera. É o próprio Torga que, lembrando a sua aventura por terras do Brasil, diz as seguintes palavras:

Brasil onde vivi, Brasil onde penei,
 Brasil dos meus assombros de menino:
 Há quanto tempo já que te deixei,
 Cais do lado de lá do meu destino!

Que milhas de angústia no mar de saudade!
 Que salgado pranto no convés da ausência!

(Torga, 1970: 93)

O regresso a Portugal é marcado, após uma estadia na sua saudosa terra natal, pela sua licenciatura em Medicina na Universidade de Coimbra, cidade onde viria a radicar-se definitivamente desde 1939 para exercer a sua especialidade de otorrinolaringologia. Mas é também nesta cidade que Torga dá asas à sua inspiração criadora, surgindo, desta forma, o Torga poeta, que complementa o Torga médico, este último mercê da necessidade prática

de garantir sustento, enquanto o primeiro surge do desejo de expressão da sua devoção íntima e pessoal pela poesia.

É importante referir que a convivência entre a profissão de médico e a vocação de poeta foi feita de uma forma harmoniosa, não obstante a supremacia que a segunda sempre exerceu sobre a primeira, ainda que de forma velada. E tal facto torna-se compreensível, dado que Torga conhecia demasiado bem a miséria e as dificuldades económicas; daí que tivesse optado por uma profissão socialmente respeitável e economicamente rendosa, a qual, em momento algum, impossibilitou o exercício da sua vocação poética. Pelo contrário, garantida que estava a sua subsistência, podia o poeta pôr ao seu serviço os rendimentos que o médico conseguia, e foram várias as ocasiões em que o próprio Torga financiou a publicação dos seus livros. Da convivência harmoniosa entre estas duas atividades dá-nos conta o próprio Torga:

Por isso, quando o acaso sobrepõe a uma vocação criadora uma condenação clínica, não há dramas sangrentos. A caneta que escreve e a que prescreve revezam-se harmonicamente na mesma mão. (Torga, 1961: 59)

Não obstante o sofrimento por vezes causado pela monotonia quotidiana do consultório, a profissão é encarada como um meio de sobrevivência que lhe permitiu secundar a sua obra de poeta.

Após uma vida dedicada à literatura, e tendo publicado inúmeros livros e outros trabalhos onde espelha a sua rebeldia contra as injustiças sociais e o seu inconformismo perante os abusos de poder (tal como fizera Ferreira de Castro, na sua época), Torga viria a falecer, vítima de cancro, em janeiro de 1995. Sepultado na sua terra natal de São Martinho de Anta, foi plantada uma torga ao lado da sua campa rasa, em honra ao ilustre poeta.

1.2.1. Miguel Torga e o seu sofrimento criador

A conciliação entre o homem e o poeta foi sempre o grande dilema de Miguel Torga. Garantida que estava a sua subsistência, graças ao exercício da profissão médica, podia Torga, como já foi referido, dedicar-se à sua verdadeira vocação de escritor. E nesta área, a figura dócil e paciente que acompanha a sua profissão de médico é substituída por uma personagem rebelde, contestatária e defensora acérrima dos seus ideais, como ele próprio afirma:

Solidário mas autónomo, o poeta é um rebelde que sabe que a poesia apenas subverte porque transfigura, e que será esse sempre o seu vanguardismo... Todos vivemos exilados dentro de nós [...] na transparência da poesia. Só não trai o seu semelhante quando não se trai a si próprio. (Torga, 1977: 197-198)

A poesia é assumida por Torga como uma possibilidade mágica de evasão não apenas da «prisão» que constitui a sua vida, mas também de um quotidiano que considera trivial e sem sentido e do qual se excluem a beleza e a solidariedade humana.

Avesso a estéticas literárias (embora tenha aderido ao movimento da *Presença*, que abandona por considerar haver imposição de limites à liberdade criativa), Torga acredita que a autenticidade poética exige a fidelidade pessoal, o que não é possível fazendo parte de um grupo. É assim, de forma solitária, que Torga percorre o seu longo caminho literário, consciente da importância da independência do poeta e do ser humano:

Liberdade!
 Liberdade do homem sobre a terra,
 Ou debaixo da terra.
 Liberdade!
 O não inconformado que se diz.
 A Deus, à tirania, à eternidade.

(Torga, 1970)

Outra característica de Torga é a sua marcada individualidade, facto comprovado pela enorme quantidade de pedaços da sua vida esparsos ao longo da sua vasta obra, quer

em prosa, quer em verso. O poeta, que se sentia «a tristeza em pessoa», tinha uma tendência irresistível para ditar ao papel as suas confidências mais íntimas e só se sentia bem a escrever. Nos seis volumes de *A Criação do Mundo*, Torga apresenta a sua autobiografia de forma detalhada, alternando entre acontecimentos felizes e desilusões.

Se à primeira vista o título pode parecer estranho, e nada adequado para uma autobiografia, uma leitura atenta do frontispício do livro poderá explicar a sua escolha:

Tomou pois o Senhor Deus ao homem,
e pô-lo no paraíso das delícias... (*Génesis*).
(Torga, 1997)

O «paraíso» de Torga é um lugar onde ele vive, revoltado, uma vida desesperada e cheia de contradições, fruto, muitas vezes, da sua insatisfação poética, e outras tantas, da miséria humana que, tal como Ferreira de Castro, inúmeras vezes testemunhou.

No caso do romance em estudo, é o próprio Torga quem explica, no Prefácio de 1984, o título da obra: «Todos nós criamos o mundo à nossa medida». Esta frase confirma a nossa convicção de que a visão do espaço físico – referenciado numa aceção mais globalizante como «o mundo» – resulta de um conjunto de circunstâncias pessoais que condicionam essa visão, a qual pode ser diferente, e até antinómica, em diversos momentos. O centralismo autobiográfico, conscientemente assumido pelo protagonista, leva-o a criar um mundo pessoal a partir do real, assumindo o espaço físico um valor referencial e simbólico. Coexistem, assim, dois espaços: um fictício (fruto da perceção do protagonista) e um real, cuja descrição depende do estado de espírito da personagem e leva, inevitavelmente, ao imaginário. Torna-se, deste modo, evidente a criação de um mundo próprio (como o título da obra refere) a partir da imagem do real.

A divisão da obra em *dias* pode estar relacionada com o mito pagão das quatro idades do Homem, as quais correspondem à infância, juventude, maturidade e velhice, numa progressão de etapas que evidenciam a degradação física do ser humano.

O presente trabalho debruçar-se-á preferencialmente sobre *O Segundo Dia*, pois é nesse volume que o protagonista relata a sua ida para o Brasil, que será o cenário de cinco anos de sofrimento e tristeza, circunstâncias que irão condicionar a perceção desse espaço, oscilando o protagonista entre a fruição da sua rara beleza e a abominação do seu misterioso aspeto. Confluem, neste ponto, muitas semelhanças com o percurso de Ferreira

de Castro, na medida em que ambos testemunharam o que de «mais infausto e nefasto a humanidade conheceu, a par do mais promissor. Mundo de contrastes, lírico e atormentado, de ascensões e quedas, onde a esperança, apesar de sucessivamente desiludida, deu sempre um ar da sua graça [...]». (Torga, 1997: 5) A globalidade da obra de Torga, bem como a de Ferreira de Castro, encerra, não obstante a descrição do que de mais negativo o ser humano é capaz, uma mensagem de esperança.

A capacidade criadora de Miguel Torga perdurará até perto da sua morte e foca os acontecimentos mais variados, percorrendo também diversos modos e géneros literários (poesia, crónica, romance, conto, memória, análise política e social), pelo que não constitui nenhuma surpresa o facto de ser considerado um dos maiores escritores da literatura portuguesa.

Capítulo II

Configurações do Espaço: realidade ou ficção?

A selva amazónica tem sido vivenciada e sublimada como um mito e não são raras as figuras, reais ou romanceadas, que, em contacto com ela, por fantástica e maravilhosa ilusão dos sentidos, ou talvez por mera ilusão ótica, foram como que hipnotizadas e vislumbraram, nos seus recônditos espaços, as mais extravagantes representações animais ou humanas, numa estranha quimera fantasmagórica.

Ferreira de Castro não ficou alheio a este «encantamento», que o marcou física e espiritualmente, e que expôs magistralmente em *A Selva*. Como ele próprio afirma, «À Amazónia já eu entregara muito da minha existência e muito mais ainda da minha alma; deslumbrara-me a sua imponência, conhecera-a no seu âmago, andava-me sempre na memória». (Castro, 1988: 16)

As citações com que abre o romance *A Selva* exemplificam, aliás, este fenómeno, e apontam já para as várias configurações do espaço representado na obra, que divergem e confluem em aspetos tanto positivos como negativos.

Segundo De Pinedo, «Ser forçado a descer naquele horror, mesmo que se aterre incólume, é ficar onde se desceu e morrer sepultado na sombra». (Castro, 1980: 13) Já para Euclides da Cunha, «Realmente, a Amazónia é a última página, ainda a escrever-se, do Génesis». (*ibidem*) Um pouco mais à frente, em «Pequena História de “A Selva”», o escritor corrobora esta opinião:

As selvas, fechassem elas o seu mistério nas vastidões sul-americanas ou verdejassem, mais permeáveis à luz solar, na Ásia, na África, na Oceânia, representavam, desde há muito, um assunto maculado literariamente. Maculado por milhentos romances de aventuras, onde a imaginação dos seus autores, para lisonjear os leitores fáceis, se permitira todas as inverosimilhanças, todas as incongruências. (*ibidem*: 23)

No romance em estudo, a selva amazónica é vista, por vezes, como um cenário mórbido, muito próximo do *locus horrendus*, que encerra as mais aterradoras histórias de vida, e cuja atmosfera cálida e paisagem luxuriante propiciam as grandes tragédias

sensuais, numa clara alusão ao incesto e outros comportamentos sexuais considerados desviantes, que o escritor em algumas ocasiões observou e que tanto repudiou. Noutros momentos, a mesma selva é descrita como um cenário verdadeiramente sublime e avassalador, o *locus amoenus* cuja rara e estonteante beleza encanta os sentidos de forma quase devoradora. É este oscilar entre várias (e tantas vezes opostas) representações do mesmo espaço, fruto dos sentimentos que a personagem experiencia em diferentes momentos, que nos interessa observar e registar.

Por razões de ordem cronológica, como já explicámos anteriormente, iremos começar com a análise do romance *A Selva*, não hesitando em saltar os limites temporais que o separam da obra *A Criação do Mundo – O Segundo Dia*, sempre que tal se verifique conveniente, de modo a estabelecer uma visão comparativa das duas obras.

Embora não seja narrado na primeira pessoa, o romance *A Selva* reflete detalhadamente a experiência vivida pelo autor no interior da selva amazónica, ainda muito jovem. A violência da realidade que testemunhou seria transposta nas suas obras – particularmente no romance em estudo – através de descrições vivas, em que a categoria narrativa do espaço assume fulcral importância. E não é por acaso que *A Selva* é por muitos considerado um romance de espaço, na medida em que este desempenha um papel determinante no decorrer da narrativa e na relação que com ele a personagem principal estabelece. Falamos de Alberto, um jovem (projeção do autor) que, como tantos outros na mesma altura, e devido a uma condição social miserável, procura em terras do Brasil a fuga à pobreza, empreendendo, assim, uma viagem que é, antes de mais, um percurso no espaço onde ele muito sofreu e onde a sua personalidade se formou. Trata-se, em última análise, da narração, interrompida por inúmeras descrições, da epopeia do homem, reduzido a uma condição precária, num ambiente luxuriante, mas cheio de armadilhas.

A simbologia da viagem é, pois, múltipla. Ela é não só uma jornada ao coração da floresta brasileira, mas também uma excursão à corrupção moral e física do ser humano, por uma personagem europeia ignorante dos abusos cometidos, e a inúmeros tipos de escuridão e obscuridade, física, moral e ontológica. À medida que Alberto avança na sua viagem rio acima, o leitor vai recebendo a sua perceção de um mundo desconhecido, selvagem e destruidor. Esse local, assaz imperialista, é governado pelos brancos que subjagam os nativos, reduzindo-os a máquinas de trabalho incansável e infindável. É este mundo de escravatura, de exploração e atrocidades, outrora observado por Ferreira de

Castro durante a sua estada no seringal Paraíso, que é criticado e exposto aos olhos do leitor. Deste modo, utilizando uma dimensão paradoxal, simbólica e ambígua, o escritor apresenta, claramente, as suas intenções no sentido de transpor o leitor de uma viagem física para uma viagem mental e psicológica.

O espaço, assombroso e tenebroso, excede a importância de um mero cenário, pois atinge, por vezes, a categoria de personagem, cuja força e vitalidade determinam e condicionam a vida do protagonista, sendo também esse espaço condicionado e «transformado» por aquele. Como o próprio autor afirma, «[Eu] Pretendera realizar um livro de argumento muito simples, tão possível, tão natural, que não se sentisse mesmo o argumento. Um livro monótono porventura, se não pudesse dar-lhe colorido e vibração, mas honesto, onde o próprio cenário, em vez de nos impelir para o sonho aventuroso, nos induzisse ao exame e, mais do que um grande pano de fundo, fosse uma personagem de primeiro plano, viva e contraditória, ao mesmo tempo admirável e temível, como são as de carne e osso. A selva, os homens que nela viviam, o seu drama interdependente, uma plena autenticidade e nenhum efeito fácil – era essa a minha ambição». (Castro, 1980: 23)

A obra espelha a luta sem tréguas que a personagem trava com o espaço natural, selvático e indomável. O seringal Paraíso (espaço que ironicamente contraria a designação toponímica), nos limites do rio Madeira, é encarado como um microcosmo hostil e estranho que exerce sobre a personagem uma atração mortífera e que, a par de uma extraordinária beleza, exhibe também uma horrível realidade quando o protagonista observa e sofre na pele a crueldade e a dureza da vida nesse lugar inóspito.

O pendor fortemente descritivo do espaço no romance revela o grande poder do seu autor, que mostra a realidade através de palavras que se transfiguram e adquirem a dimensão de uma pintura onde a floresta virgem, pano de fundo, acolhe os homens que nela sobrevivem. E, não obstante as palavras do escritor a propósito da descrição do espaço, nas páginas que antecedem o romance,⁹ Jaime Brasil refere-se deste modo à descrição castriana:

O cenário grandioso é descrito em páginas de assombro. A vida desordenada da floresta virgem, como uma neoplastia vegetal, parece esmagar e absorver o homem, seu

⁹ A propósito da publicação de *A Selva*, Ferreira de Castro afirma: «Eu temia, sobretudo, que o livro se tornasse fastidioso pelas suas longas descrições da floresta, esse era, entre muitos outros, um problema estético que desde o princípio me deixara sempre insatisfeito». (Castro, 1980: 23)

simples parasita. Nessa obra, a selva não é um simples motivo literário, refúgio de paixões românticas, cenário de documentários de exotismo, reserva para caçadores de feras e homens. É uma realidade viva, monstro de milhões de cabeças, cujos cipós, como os tentáculos do polvo, vão envolver e estrangular o mundo. Há na obra como que um grande clamor contra a injustiça e a favor do ser humano: ou o homem se liberta da sua escravidão ou a selva sufocará o homem com o abraço da sua vegetação desordenada e os miasmas dos seus pântanos. (Brasil, 1961: 47-48)

A relação do autor e, por extensão, do protagonista, com a selva brasileira resulta de uma ambivalência fruto das diferentes circunstâncias em que é encarada. O fascínio e, simultaneamente, o «medo frio»¹⁰ que esta exerce sobre o escritor torna-se flagrante logo nas primeiras páginas do romance e resulta, nas palavras de António Amorim, de «[...] um paradoxo fundamental: apesar do perigo de morte que encerra, nem por isso é menor a força centrípeta, a voragem fascinadora com que o abismo atrai quem dele se abeira». (Amorim, 1998: 24)

Foqemo-nos, a partir de agora, na personagem de Alberto, sabendo que a mesma constitui uma projeção do autor do romance que protagoniza.

A vivência de Alberto na selva integra duas componentes essenciais e bem diferenciáveis: uma fóbica, dolorosa e opressora; outra, formadora, assombrosa e entusiástica. Logo nas primeiras páginas do romance, as expressões utilizadas como referência à selva mostram bem essa dualidade: «natureza implacável», «selva densa e feroz», «centro misterioso», «selva cúmplice e silente», «senda espinhosa», «caminho fascinador», «mancha negra», «imensurável aranha hidrográfica da Amazónia», «assombro da vastidão», «implacável sol dos trópicos», «selva, fechada em sombra e mistério», «mundo estranho», «selva dominadora», «mundo embrionário [...] que espanta e amedronta», «solidões imensuráveis», «selva triunfante e inexorável», «terra insubmissa». (Castro: 1980: *passim*)

Antes ainda de abandonar o *Justo Chermont*, embarcação que o transporta de Belém do Pará até ao interior da selva amazónica, e à medida que o barco se aproxima do seu destino, Alberto observa desta forma a natureza envolvente nas margens do rio Madeira:

¹⁰ Expressão inúmeras vezes utilizada por Ferreira de Castro.

E sempre, sempre, nas pupilas de Alberto, aquela grandeza inabarcável. Depois, a linha pardacenta, que se via ao longe, foi-se aproximando, crescendo, alastrando, mudando de cor. Era verde agora e já se verificava, nitidamente, o recorte do arvoredo. O “Justo Chermont” seguia entre duas margens – terra baixa, terra em formação, arrastada das cabeceiras e detida ali, partícula a partícula, ora a esconder-se na água, ora a expor ao sol a sua capa de lama, submissa à vontade das marés. Cobria-a densa vegetação que se entrelaçava, dir-se-ia com frenesi, numa ciclópica muralha de troncos, ramos e folhas. (Castro, 1980: 49)

Adivinha-se já, neste excerto, uma recusa interior deste lugar antes ainda de nele pousar o pé. A densidade da vegetação forma como que um muro que dificulta a entrada da personagem e que, uma vez ultrapassado, o impedirá de fugir daquele «inferno verde», expressão várias vezes utilizada ao longo da obra. E, no entanto, a descrição deixa transparecer também uma certa emoção perante a beleza da paisagem que se aproxima, o assombro perante a grandeza do espaço e a diversidade da flora circundante, num misto de curiosidade, medo e admiração. As primeiras impressões são, portanto, de profunda exaltação perante um universo pleno de cor, de formas, texturas, de jogos de luz e sombra e de som, um verdadeiro desafio para os sentidos:

Eram miríades de variedades, roubando-se mutuamente o carácter, confundindo-se, fraternizando em abracadabrante luxúria vegetal. Árvore que pretendia desgrenhar a cabeleira mais acima da das irmãs fora seguida por tão copiosa multidão de lianas e parasitas, que dentro em pouco o seu desejo se tornara vaidade inútil. (*ibidem*)

E novamente a referência ao muro aprisionador que transformava em cárcere aquilo que viria a ser a nova morada da personagem e para além do qual se adivinhava um mundo obscuro e misterioso:

Quase não se vislumbravam os caules: as plantas rasteiras, os arbustos, os “tajás” e os cipós, tudo ocultavam, tudo fechavam, inexoravelmente. Os olhos não iam para lá da margem, da cortina espessa que resguardava as salas interiores, as clareiras – se, porventura, existiam. Alguns fustes mostravam as raízes contorcidas no declive que vinha, escorrendo vasa, da crosta onde se emaranhava aquele mundo de pesadelo até a água barrenta que o “Justo Chermont” sulcava. (*ibidem*)

A voluptuosidade da paisagem, que provoca em Alberto espanto e deslumbramento, não impede, contudo, uma visão desoladora, fruto da melancolia da personagem, obrigada a rumar a essas paragens:

E sempre a mesma coisa. Sempre a mesma coisa. Às vezes, o interminável valado recortava-se, no cimo, em curvas caprichosas, em rendas esmeraldinas, por onde o sol se filtrava, caindo em desconhecidas profundidades; outras, fechava-se em linha plana, como se por lá houvesse andado a tesoura colossal de imaginário jardineiro. Os olhos leigos de Alberto só etiquetavam as palmeiras, de diversas espécies e alturas, que abriam aqui e ali, entre a ramagem da vizinhança, o seu grande leque. (*ibidem*)

A monotonia da paisagem, fruto da impaciência com que Alberto a observa, é novamente referida mais à frente:

A subida lenta, quinze dias bem puxados de Belém ao Paraíso, impacientava Alberto, moroso em adaptar-se ao meio. [...] E então, se os olhos se dirigiam para a frente, a saída tornava-se tão misteriosa como o fora a entrada – tudo selva, selva por toda a parte, fechando o horizonte na primeira curva do monstro líquido. [...] Os olhos inexperientes não encontravam referência nessas margens aparentemente sempre iguais, na vegetação que se repetia, se não na espécie, no entrançado, despersonalizando o indivíduo em prol do conjunto, único que ali se impunha. Cada curva se parecia com outra curva, cada recta com a recta antecedente; onde não existia barraca ou cidade, o espírito quedava-se, perplexo, a formular a pergunta íntima: “Já passei aqui ou é a primeira vez que passo aqui?”. (*ibidem*: 57)

A tristeza com que a personagem observa a paisagem que se aproxima, como um abismo do qual já não é possível fugir, não impede, contudo, a utilização de uma profusão descritiva rica em metáforas e imagens que tornam o cenário envolvente perfeitamente visualizável. Tal facto é compreensível, pois a extraordinária beleza do espaço sobrepõe-se ao desconcerto que, por vezes, provoca.

Encontramos, neste ponto, algumas semelhanças com a forma singela (e reveladora de uma certa monotonia da paisagem) como o protagonista de *A Criação do Mundo – O*

Segundo Dia descreve o Brasil logo que o avista. Como afirma Fernão de Magalhães Gonçalves,

Exportado directamente das fragas transmontanas, fechava os olhos àquela cintilação límpida da baía coalhada de ilhas fundidas num verde profundo de que emergiam rochedos de formas despedaçadas, cumes erectos enrolados de fumo marítimo. Quase diluída no maciço da distância, lá muito ao longe, recortava-se uma longa e nítida talha de montanhas. Mas ele não identificava nessa cordilheira nem nessa aquática floresta de cabeços aguçados nenhuma das gravuras dos seus rios de geografia ou de história escrupulosamente batidos sob a palmatória do Professor.[...] Tirava os olhos daquele displicente cenário. [...] Dir-se-ia que aquele novo cenário não passava de uma má imagem desfocada a dançar no écran. São ainda as azuis montanhas paradas do Marão que a memória dos seus olhos sobrepõe à nova paisagem. (Gonçalves, 1998: 60-61)

O exagerado amor do jovem protagonista (rebelde e voluntarioso) à sua terra impossibilita a fruição de uma paisagem que, não obstante as circunstâncias infelizes que a ela o levaram, surge, aos seus olhos, com uma beleza indesmentível. Trata-se, no entanto, de uma paisagem estranha porque em nada se assemelha àquela com a qual estava familiarizado. Repare-se na enumeração que confere ao relato a ideia de repetição, fruto, pensamos, da angústia interior que a personagem vive nesse momento:

E numa segunda-feira, cheia de sol, o Brasil apareceu.

Ia olhando, sem ver coisa com coisa. Eram ilhas, e morros, e casas, e barcos, e gente a acenar, e uma grande aflição dentro de mim. (Torga, 1997: 65)

Magalhães Gonçalves continua:

[...] o pequeno grande homem da montanha deixa os olhos negarem aquela fria impressão corográfica que milhares e milhares de quilómetros separavam para sempre da Senhora da Azinheira, do Largo do Eirô, da copa do negrilho, da sineta da escola [...]. E era no Brasil que ele estava. «*Uma terra nova nuns olhos novos*». (Gonçalves, 1998: 62)

Julgamos importante a última frase da transcrição, dado que esta transmite, em última análise, o cerne da questão que nos propomos estudar: os vários matizes que um mesmo espaço adquire aos olhos das várias personagens que com ele se cruzam; e, indo

ainda mais longe, as várias percepções que dum mesmo espaço a mesma personagem tem em diferentes momentos.

O primeiro impacto que a paisagem exerceu sobre o jovem protagonista não foi, portanto, positivo, mas esse facto deve-se às circunstâncias que ditaram a sua viagem para o Brasil, encarado, na altura, como uma alternativa à pobreza crónica de muitas famílias (fado que recaíra também sobre a sua), falhadas que estavam a tentativa do seminário e a serventia como criado no Porto.

Compare-se esta primeira impressão, influenciada por uma terrível angústia interior, com a reação de entusiasmo, porém contido, da personagem quando, volvidos muitos anos, e a convite da cidade de São Paulo para participar num colóquio internacional de escritores, avista novamente a paisagem brasileira, já não dos «malfadados porões do *Arlanza*, mas na primeira dum luxuoso barco moderno». (Torga, 1997: 455) O protagonista está agora imbuído de uma paz de espírito que lhe permite usufruir plenamente da grandiosidade da paisagem que a seus olhos se revela:

Quando a costa do Brasil apareceu, tentei aplicadamente desenterrar da memória as emoções do passado. Em vão. Faltava não sei que mistério àqueles morros cobertos de verdura. Os olhos actuais viam-nos com a transparência de um cristal, numa paz de reencontro.

[...] Não havia nesga de paisagem sem grandeza. [...] Para um espectador desprevenido, o Corcovado e o seu Cristo de braços abertos eram na verdade dois símbolos fiéis dum mundo que aliava na mesma retina forasteira o ímpeto da beleza cósmica e o amplexo da fraternidade cristã.

[...] E, durante horas, foi a volúpia da natureza tropical a acordar progressivamente meus sentidos. [...]

Os tesouros que um ser humano pode guardar nos seus porões, sem que a própria consciência o suspeite! Agora é que eu via de que gama de cores, de que variedade de horizontes, de que latências sensoriais era dono. Nenhuma impressão de outrora se perdera. Cada estímulo apenas trazia à memória entorpecida a resposta já dada na primeira hora. O Brasil tatuara-se na minha alma como uma tinta indelével. A longa ausência não lhe desbotara sequer o brilho original. (*ibidem*: 457-458)

Esta visita assume, para o protagonista, um poder catártico comparável ao exercido pela escrita de *A Selva* para Ferreira de Castro:

Mas a viagem tinha-me feito bem. Aliviara-me a alma de muitos pesadelos recalçados. O Brasil mítico, ao mesmo tempo irreal e traumatizante, estava definitivamente transformado numa desmedida terra concreta que pisara com pés seguros e dignificados. Meu tio deixara de ser um monstro sagrado de força e de poder, para encarnar na figura de um velho solitário e patético. A fazenda perdera todo o fascínio doloroso que a imaginação alimentava. [...] Nada ou pouco restava das sombras e vivências desses tempos remotos e nebulosos. [...] eu próprio me admirava da submissa objectividade com que me prestara a desmistificar a bruma do passado em nome da claridade do presente. (*ibidem*: 463-464)

Voltando às primeiras páginas do romance, a recusa, por parte do protagonista, do novo espaço em que subitamente se vê inserido assume-se como uma revolta interior contra novos nomes, novos cenários e uma nova linguagem que pareciam querer submergi-lo.

Sentindo o mesmo choque que Alberto experimentara perante a estranheza do meio envolvente naquele universo verde que o circunda, sentindo-se espiado constantemente por diversos perigos, nomeadamente dos animais emoldurados pelo verde do arvoredo (o que mostra a sua íntima ligação à terra e a todo aquele ambiente, no qual se escondem e com o qual se fundem), a adaptação do protagonista do romance de Torga seria, porventura, mais lenta, quiçá pelo enorme apego que este último sempre devotou à sua terra. No meio daquele medonho panorama assombrador, a personagem sentia-se insegura:

A seguir meu tio, que me mostrava a fazenda, ia vendo, ouvindo e fixando nomes. Inhamé, mandioca, quiabo, manga, abacaxi, jacarandá, tucano, araponga... Nada do que aprendera em Agarez servia ali. Nem os ninhos eram iguais. Alguns, suspensos das árvores, pareciam lampiões pendurados. Os pássaros cantavam doutra maneira, os frutos tinham outro gosto, e, onde menos se esperava, havia cobras disfarçadas, enormes, bonitas, sempre de cabeça no ar, à espera. (*ibidem*: 69)

Como a própria personagem afirma:

Os primeiros tempos foram de aclimação. (*ibidem*)

Mas não demoraria muito tempo até que o Brasil das primeiras noites passadas no casarão da fazenda começasse a alargar-se, adquirindo o tamanho gigantesco de infinitos quilómetros de plantações de café, cana de açúcar, arroz, floresta virgem. E é o confronto com este último espaço que mais nos interessa analisar. Este novo cenário violenta o jovem transmuntano. Não se trata apenas da constatação da enorme dimensão do espaço, mas também da compreensão do seu imenso poder, contra o qual o homem, criatura indefesa, nunca poderia insurgir-se. Diante da força e dos mistérios da imensidão da selva, o homem simples reconhece a sua pequenez, facto que enfatiza a sua vulnerabilidade. Por outro lado, o amor que Torga sentia por Trás-os-Montes, e que sempre se orgulhou de demonstrar, dificulta a aceitação do novo espaço e leva-o constantemente a fazer comparações com os costumes da sua terra. Numa ocasião em que descreve o rudimentar processo de construção de moradias para colonos na Derrubada, a personagem pronuncia-se nestes termos:

Balizavam por quatro esteios de braúna alguns metros de chão batido, erguiam, apoiada neles, uma armação de madeira mais leve, quadriculavam a gaiola de pau a pique e ripas, chapavam barro naquilo, cobriam de sapé, e ficava a coisa arrumada. Era ensacar e atar. Estava bem governado numa terra assim o pai do Boca-Torta, embora tivesse fama de pedreiro desembaraçado, com as suas casas de perpeanho cortado e lavrado na serra, que levavam anos a erguer! (*ibidem*)

No que diz respeito à paisagem, quer natural, quer humana, referimos já que é o sentimento de desilusão que primeiro transparece das impressões tecidas pelo jovem. Até as pessoas, empenhadas nos seus afazeres agrícolas, lhe parecem diferentes:

Mas nem valia a pena fazer comparações. Para chegar ao sítio das obras, passava pelo Monte Pequeno. Cinquenta ou cem homens em fileira, sem camisa, quase todos pretos, reluzentes de suor, semeavam milho. E não era preciso mais para se ficar esclarecido. A diferença que ia de semelhante lavoura a uma vessada feita em Agarez conforme mandava a regra! (*ibidem*)

E, tal como acontece com Alberto, o jovem protagonista de *A Criação do Mundo – O Segundo Dia*, sempre alerta num espaço que considera estranho (como estranhos são os

seus costumes) e que agudiza a saudade que sente da sua terra, não demora a confessar o seu medo:

O certo é que andava aterrado. Aquele mundo estranho exacerbava-me a imaginação. (*ibidem*: 71)

No entanto, o deslumbramento que Alberto sentira durante a sua peregrinação ao coração da selva não tarda a aparecer também no espírito do protagonista do romance de Torga, cujos sentidos são constantemente estimulados pela vida latente na floresta:

Curioso de tudo e sensível à qualidade de cada coisa, fora dessas horas infelizes considerava aquele Brasil um deslumbramento. Era um tatu que à minha vista fez um buraco com as patas, e se enterrou no seio da terra num abrir e fechar de olhos; eram pacas bonitas e rápidas a atravessar as veredas como relâmpagos; eram tocanos de bicos assombrosos; eram formigueiros gigantescos, que pareciam talefes. Era uma terra nova nuns olhos novos. Quando a cancela do terreiro me batia atrás das costas, então é que a vida começava. Os macacos baloiçavam-se nos cipós, as preguiças dormitavam nas embaúbas, um abacaxi maduro enchia o ar de perfume... E aquele pedaço de Minas parecia um recanto do Paraíso. (*ibidem*: 77)

O excerto transcrito apresenta uma súbita mudança na forma como a personagem encara o cenário envolvente. Com efeito, o mesmo espaço que, em momentos de acutilante sofrimento e nostalgia, se lhe tornara insuportável, aparece agora como um espaço agradável e ameno, onde os movimentos da fauna local (e a familiaridade e carinho com que agora fala dela) se juntam ao delicioso aroma que um fruto exala, numa perfeita sinestesia que torna esse momento da personagem profundamente aprazível.

Voltando ao romance de Ferreira de Castro, a mesma estranheza inicial é sentida por Alberto, protagonista do romance, perante uma paisagem desconhecida, nos seus primeiros dias na floresta.

A mistura de sensações que a paisagem provoca é também referida, numa altura em que a curiosidade por saber o que se encontra para lá da «cortina espessa» começa a tornar-se insuportável, como se o mistério do desconhecido arrastasse a personagem numa

volúpia irresistível e a impulsionasse numa busca para além da impenetrabilidade desse monstruoso local:

Mas essa imensa vegetação, cerrada e múltiplice, continuava a não permitir, apesar de tão próxima, que vislumbrasse a sua profundidade. Sugeria, porém, a existência de rincões em eterna sombra, de criptas vegetais onde o sol jamais entrava, terra mole e ubérrima, lançando por todos os poros um tronco para o céu – um mundo em germinação fabulosa, alucinante e desordenada, negando hoje os princípios estabelecidos ontem, afirmando amanhã uma realidade que ninguém ousaria antever. E entre o raizame, que formava altas e largas cavernas, na superfície balofa da lama que ainda não se solidificara e de folhas apodrecidas, esvoaçavam insectos de infinitas variedades e coleavam, surdamente, répteis monstruosos – olhos verdes de mortal fascinação e formas do mundo pré-histórico. (Castro, 1980: 52)

A descrição da diversidade da flora é agora acompanhada da apresentação do pasmo da personagem perante a fauna circundante, tão desconhecida quanto assustadora; e a opulência da paisagem, «um interminável viveiro de plantas aquáticas e vagabundas, perante as quais são pobres e tristes todos os nenúfares orientais» (*ibidem*: 59), torna obsessivo o desejo de Alberto de chegar ao seu destino final, não obstante a sua recusa inicial, num paradoxo resultante do misto de sensações que a observação do espaço circundante provoca na personagem:

Contudo, ao panorama magnificante sobrepunha-se no espírito de Alberto, perturbado por essa própria grandeza inédita, que tanto contrastava com a mesquinhez e imundície do convés, a ânsia de chegar ao seu destino. (*ibidem*)

O mesmo pasmo exhibe o protagonista do romance de Miguel Torga perante a dimensão da paisagem que vai observando na viagem de comboio até o seu destino final:

Ali era Copacabana, acolá Botafogo, além Nictério, lá adiante a igreja da Candelária, aquela a avenida do Mangue, e tínhamos chegado à estação da Leopoldina Railway.

Os nomes das terras que a seguir foram aparecendo, ia-os lendo da janela do comboio. Petrópolis, Entre Rios, Recreio, Cisneiros... Quanto à paisagem, acabara por

desistir de a fixar. As serras, os rios e as florestas eram de tal maneira que não cabiam dentro dos olhos. (Torga, 1997: 66-67)

Até este momento, nem sinal do deslumbramento de Alberto à medida que se aproximava do seu destino. Apenas indiferença, transformada em angústia quando, já de carroça, o jovem torguiano era levado até à fazenda. A enorme tristeza que o envolve impede-o de usufruir da beleza do meio envolvente. De salientar a «anormalidade» e exotismo desta paisagem, pelo facto de ela se afastar completamente dos padrões a que a mente do emigrante estava habituado. Daí a sua dificuldade em manifestar empatia com o meio:

A noite, cada vez mais negra, apagava na alma toda a esperança. E comecei a chorar, de angústia e de medo. Angústia de me ver sozinho no mundo; e medo daquele Brasil assim nocturno, abafadiço, irreal, com pios medonhos, sem qualquer luz a acenar ao longe. (*ibidem*)

Transparece, aqui, o mesmo sentimento de pânico que Alberto experimenta na caminhada noturna pela floresta no dia da sua chegada, com os sons desconhecidos e a extrema escuridão a agudizar todos os medos, dado que provocam um adensar do clima de tensão, de perigo e de mistério.

Ironicamente, Alberto não é capaz de antecipar as atrocidades que iria encontrar no seringal, julgando que a parte mais difícil da sua dura jornada se extinguiria quando abandonasse a embarcação:

E ainda faltavam onze dias! Cada manhã ele descontava, com alegria, a noite que se esvaía; cada tarde, o dia a menos no rosário infindo. “Por muito mau que fosse o seringal, era decerto melhor do que a vida vivida ali”. (Castro, 1980: 63)

Não podemos deixar de realçar a importância que esta viagem assume na construção e configuração da personagem, uma vez que a observação do meio circundante, estranho aos olhos do português, o leva a expor os sentimentos e emoções que aquele lhe suscita, desvendando, dessa forma, toda a sua interioridade. A navegação no rio Madeira propicia, efetivamente, uma viagem ao interior do protagonista e levá-lo-á, no final da

história, a transformar-se num ser humano melhor, após o reconhecimento dos seus defeitos e virtudes. O confronto posterior com as desumanas condições em que vivem os habitantes do seringal, que ele próprio viria a experimentar, leva-o a sofrer um percurso evolutivo, despindo os seus preconceitos e edificando-se como um homem novo. Condicionado pelo espaço circundante da Amazónia, Alberto enceta uma viagem de autoconhecimento ao interior de si mesmo, que irá culminar numa profunda transformação da sua personalidade, fruto da aprendizagem humana e social a que é sujeito no contexto das suas relações com o meio e com o outro.

O desembarque na cidade de Manaus, antes da chegada a Paraíso, afigura-se-lhe agradável, talvez pelo desafio que esse ato constituía à ordem do senhor Balbino, e é com um novo entusiasmo que descreve esse lugar:

Manaus era um clarão radioso na noite amazonense. A sua poalha luminosa erguia-se até muito alto, empalidecendo as estrelas que espreitavam lá de cima. [...] Tudo parecia voluptuoso e cheio de cálido mistério [...] A baía continuava a ser, para todos eles, uma miragem deslumbradora, onde estremeciam fantásticos mundos de luminosidades e de sombras [...]. (*ibidem*: 65)

A sombra, a escuridão e o mistério da paisagem, anteriormente encarados como duros fardos para a personagem, são agora objeto de admiração por parte do protagonista, animado de um novo espírito de rebeldia e de insurreição contra as ordens impostas.

Após a chegada a Humaitá, muito próximo do destino final, e ansioso «por fixar o sítio desconhecido para onde os conduzia a esperança dum futuro imediato com melhor e mais abundante pão» (*ibidem*: 82), a primeira impressão de Alberto relativamente ao seringal Paraíso surpreende pela inusitada simplicidade:

Era ainda, ao longe, um risco azuláceo-claro a emergir da muralha verde da selva. (*ibidem*)

Note-se, mais uma vez, a referência à «muralha» e a insistência na cor «verde» para caracterizar o local de que se aproxima. E eis que, subitamente, surge o seringal que iria acolher Alberto e os seus companheiros de infortúnio. Mais uma vez, a descrição do local é

singela e desprovida de grandes ornamentos, prenúncio, quiçá, da infelicidade que o mesmo viria a infligir sobre aqueles que irá albergar:

O seringal desvendava-se agora totalmente: em linha recta erguiam-se três barracas, logo dois casarões de madeira e telha. Um, resvês à terra, que devia ser pasto das águas em ano de enchente grande; o outro, muito comprido, ladeado por uma varanda, fixava-se em paliçada, para se libertar das inundações. Pelo porte, pelo tamanho e pinturas, indicava a residência do amo e sede da exploração do seringal. (*ibidem*)

A chegada de Alberto ao local da sua estadia («o “sítio”, com o seu alto cajazeiro, seguido logo de muitas goiabeiras, uma verde mata de umbelas, onde esvoaçavam periquitos; esse “sítio” que ia terminar na linha sombria da floresta, rente a quatro cruces de madeira» [*ibidem*: 88]), e a frieza com que ele e os restantes seringueiros são recebidos, provocam-lhe uma profunda tristeza e uma angústia aterradora, levando-o a evocar a morte: «”E se ele também morresse ali?”». (*ibidem*)

O apito do *Justo Chermont*, a afastar-se, agudiza o seu sofrimento, como se a embarcação fosse a responsável pelo seu abandono naquele local longínquo e desconhecido. O navio, cujas instalações até há pouco abominara, por representar a viagem para a sua «perdição», surgia-lhe agora, paradoxalmente, como um porto seguro, que lembrava com saudades, e cuja partida lhe provocava enorme sofrimento:

A partida do “Justo Chermont” abriu na alma de Alberto uma nova amargura, um súbito e contraditório amor ao navio, não pela sua terceira, mas por algo de imponderável, de indefinível que ele representava [...]. Parecia-lhe que ficava agora mais só, mais isolado do Mundo. (*ibidem*: 89)

Confrontemos estes sentimentos com a reação do protagonista de *A Criação do Mundo – O Segundo Dia* ao avistar, pela primeira vez, a fazenda onde iria trabalhar. Ressalta novamente o seu desinteresse e desilusão:

A avaliar pelo que via, o Brasil, o Brasil que me ia enriquecer como a toda a gente, era uma casa enorme suspensa numa lombá por meia dúzia de esteios de madeira, celeiros

e cocheira ao lado, um terreiro enorme em frente, moinho, chiqueiro e vacaria em baixo, ao pé do ribeiro, laranjeiras carregadas no pomar, à direita, e arvoredos cerrados a toda a volta.

Mas a visão alargou-se, pouco depois. Havia ainda quilómetros e quilómetros de cafezais, encostas plantadas de cana do açúcar, várzeas cobertas de arrozais, extensões enormes de mata virgem (porque o que eu vira eram simples capoeirões), montes e montes cobertos de capim, onde pastavam grandes manadas de gado, o engenho, a usina, o alambique, um rio do tamanho do Corgo – e pretos e pretas a torto e a direito. (Torga, 1997: 69)

Note-se aqui o mesmo espanto, embora menos expressivo, perante a dimensão do lugar, que Alberto exprimira aquando da sua chegada à floresta. Transparece, ainda, uma certa insegurança e perturbação perante um chão estrangeiro e a futura estadia num teto estranho.

Voltando à obra *A Selva*, a vivência de Alberto no seringal viria a ensinar-lhe que, apesar das difíceis condições em que empreendeu a sua caminhada até Todos-os-Santos, o seu tormento ainda mal principiara. O percurso até ao lugar onde se iria instalar, tendo como guia o seu novo companheiro, Firmino, revelou-lhe a selva em todo o seu esplendor:

O «varador» era estreita senda que não daria passagem a um automóvel, pequeno que fosse; e cortavam-no, aqui e ali, grossas árvores que tinham caído e apodreciam sem que ninguém as removesse. Dum lado e outro, a selva. Até esse instante Alberto vira apenas as suas linhas marginais; surgia, agora, o coração. (Castro, 1980: 94)

Só neste momento é que a personagem toma consciência de que ainda vira muito pouco. O termo «coração» adquire um sentido particularmente expressivo, aludindo ao percurso no interior da floresta e ao pulsar e vitalidade da mesma.

O assombro de Alberto aumenta à medida que se vão embrenhando na densa floresta, descrita, agora, de forma magistral, pela exuberância e diversidade da sua vegetação, cujo pulsar íntimo a impede de esmorecer, uma vez que vai acionando mecanismos naturais de revitalização e regeneração. O uso recorrente de hipérbolos e a adjetivação expressiva, bem como a referência à multiplicidade de cores, em que o verde ocupa lugar de destaque, e o brilhante jogo entre a escuridão e a luminosidade, mostram bem o espanto que a paisagem desconhecida provoca no espírito da personagem:

Surgia com um aglomerado exuberante, arbitrário e louco, de troncos e hastes, ramaria pegada e multiforme, por onde serpeava, em curvas imprevistas, em balanços largos, em anéis repetidos e fatais, todo um mundo de lianas e parasitas verdes, que faziam de alguns trechos uma rede intransponível. Não havia caule que subisse limpo de tentáculos a expor a crista ao sol; a luz descia muito dificilmente e vinha, esfarrapando-se entre folhas, galhos e palmas, morrer na densa multidão de arbustos, cujo verde intenso e fresco nunca esmorecia com os ardores do Estio. Primeiro a folhagem seca dos gigantes, que cobria o chão, putrefazendo-se em irmandade com troncos mortos e esfarelados, dos quais já brotavam, vitoriosas para a vida, folhitas petulantes como orelhas de coelho. Alastravam, depois, as largas palmas de tajás e de outra plantaria, de tudo quanto vinha nascendo e ocultava a terra onde as árvores sepultavam as raízes. Crescia a mata até a altura de dois homens, posto um sobre o outro, e só então os olhos podiam encontrar algum espaço em branco, riscado, ainda assim, pelos coleios dos cipós que iam de tronco a tronco, dando ponte a capijubas e demais macacaria pequena, que não quisesse saltar. De lá para cima abriam-se as umbelas seculares e constituíam série interminável os seus portentosos cabos. E era aí que a luz dava um ar da sua graça, branqueando e tornando luzidio o pescoço de algumas árvores mais altas e restituindo, pela transparência, às asas de milhares de borboletas, as suas verdadeiras cores de arco-íris fantástico.

De longe a longe, uma palmeira muito esguia e clara subia, em arranco de foguete, para olhar a selva por cima do ondeado em que terminava todo o arvoredo. E eram, então, quatro palmas solitárias lá no alto, como se quisessem fugir dos homens – dos homens que, apesar de tudo, lhes iam roubar o cacho saboroso, de onde extraíam o açai. (*ibidem*: 95)

A selva entrelaça-se de forma premeditada, com o propósito de não ser desvendada. Nem à luz é concedida livre entrada, facto que mostra o carácter intransponível deste lugar.

A descrição prossegue, prolífica em detalhes que aumentam o assombro de Alberto, por oposição à indiferença que Firmino, familiarizado com aquelas paragens, manifesta à medida que avança floresta dentro. Note-se também a referência insistente à enorme variedade vegetal onde a coletividade se sobrepõe, no entanto, ao indivíduo, e a alusão, mais uma vez, à ideia de repetição (denotadora, porventura, de uma certa melancolia) aliada à noção de vida espontânea e abundância:

A princípio ainda os olhos fixavam o revestimento deste e daquele tronco e de outro, e outro, e outro, mas depois abandonavam-se ao conjunto, porque não havia memória nem pupila que pudesse recolher tão grande variedade. Só de frutos que não se comiam e se corrompiam na terra, porque nunca ninguém se arriscara a saber se davam apenas volúpia ou se envenenavam também, havia mais espécies do que todas as que se cultivavam em pomares europeus. Somente a coletividade imperava ali: o indivíduo vegetal despersonalizava-se e era amesquinçado pelos vizinhos, tantos, tantos, que apesar de Firmino ter já nomeado centenas, restavam muitos milhares ainda no anonimato. (*ibidem*)

E novamente o jogo de luzes, que, aliado ao silêncio que impera, entrecortado apenas pelo som de qualquer espécie animal a rastejar ou pelo súbito som de asas, numa magistral combinação sinestésica, despertam todos os sentidos de Alberto, num estímulo constante:

De quando em quando, golfando por súbita abertura, o sol iluminava um inverosímil claustro.

E por toda a parte o silêncio. Um silêncio sinfónico, feito de milhões de gorjeios longínquos, que se casavam ao murmúrio suavíssimo da folhagem, tão suave que parecia estar a selva em êxtase. (*ibidem*)

A certa altura da narrativa, começa a tornar-se evidente o pânico de Alberto durante a sua longa caminhada no «inferno verde» da Amazónia, para aí recambiado contra a vontade, por força das circunstâncias:

Às vezes, era certo, uma imprevista e pânica restolhada de folhas e de asas levava Alberto a parar, agarrando-se instintivamente ao braço do companheiro.

[...] Mais adiante, ruidoso lagarto, correndo subitamente sobre a folhagem morta, de novo o galvanizava.

Mas o silêncio volvia. E, com ele, uma longa, uma indecifrável expectativa. Dir-se-ia que a selva, como uma fera, aguardava há muitos milhares de anos a chegada de maravilhosa e incognoscível presa. (*ibidem*: 96)

Ressalta, na descrição acima apresentada, a comparação da selva a um animal selvagem pronto a devorar a personagem, encarada como a «presa». Não admira, portanto,

que, neste ponto, o receio interior da personagem venha agora à superfície e ela própria reconhece:

– Isto faz medo! – confessou Alberto. (*ibidem*)

Impunha-se, aqui, a transcrição dos excertos descritivos apresentados, relativos ao primeiro contacto dos protagonistas, em cada obra, com o espaço envolvente, o «coração da selva», pela enorme importância que este espaço assume na narrativa e pelo impacto que irá causar nas personagens, que serão moldadas a uma nova realidade, até aí completamente desconhecida. A imagem da selva vai sendo apresentada segundo a visão subjetiva das personagens, filtrada, inevitavelmente, pela origem, educação, cultura e ideologia daquelas.

Julgamos ainda que estes excertos põem em evidência os vários sentimentos que tanto Alberto como o protagonista do romance de Torga vão experimentando numa caminhada que quase assume contornos de peregrinação e que representa simbolicamente uma viagem de descoberta ao interior de si próprio. Surge aqui, em destaque, o sentimento de melancolia e solidão perante a monstruosidade da selva, num crescendo de intensidade, e o efeito que esta suscita no espírito, até à manifestação dos medos, reais e imaginários, que as personagens enfrentam.

Avançando na sua trajetória rumo à clausura no meio da floresta, Alberto depara-se com um cenário quase dantesco facultado ao leitor através de uma magistral descrição do rápido obscurecimento da selva, que desperta ainda mais todos os sentidos da personagem, ampliando os seus medos:

A selva escurecia rapidamente. O entrançado inferior diluía-se, perdia contornos e volumes na negridão que sobrevinha. Os recantos onde residia eterna sombra ampliavam-se, envolvendo e tragando os caules grossos e centenários. O verde rasteiro fora já absorvido; cá em baixo só pardejava a folhagem que a morte desprendera. A luz beijava agora apenas as franças mais altas, que se mostravam, finalmente, em toda a fantasia do seu recorte, sob um céu de azul morno e baço.

O silêncio tinha, enfim, uma síncope. A selva começava a falar no olvido da noite. Surgiam, por toda a parte, rumores estranhos e imprecisos – um rala-rala sem nexo a encher os ouvidos de Alberto.

Não dava melancolia o lusco-fusco; abafava apenas, como se fosse um cobertor imensurável estendido sobre a mata. (*ibidem*: 98)

A primeira noite passada em Todos-os-Santos, após a dura caminhada, ofereceu a Alberto o tão necessitado descanso. E, recobradas as forças, o espaço exterior à barraca parece-lhe agora imensamente belo. A percepção desse espaço é, seguramente, condicionada pelo alento com que inicia o novo dia, e da magnânima descrição não estão ausentes belas comparações, metáforas e sinestésias que tornam a paisagem um constante estímulo para a visão, a audição e o olfato:

Por toda a parte havia uma orquestra invisível, feita de aves trinando melodias diferentes, que se diluíam frequentemente num ritmo tão suave que era quase o silêncio verificado, na véspera, por Alberto, mas agora mais vivo, mais alvoroçante e integrado no esplendor da manhã.

De quando em quando, como se alternassem, subia pelas narinas, perturbando o olfato, um cheiro forte de húmus em combustão, de troncos e folhagem apodrecendo no solo negro e húmido; ou então errava, por largos trechos, um aroma de ignorado jardim, perfume original e precioso como nunca o recolheram os frascos caprichosos da França. (*ibidem*: 106)

Animado desse novo espírito, o protagonista reconhece a supremacia da selva, que vê nessa manhã não apenas com medo, mas também com admiração, numa submissão total de onde não está ausente uma ideia de fatalidade:

A selva dominava tudo. Não era o segundo reino, era o primeiro em força e categoria, tudo abandonando a um plano secundário. E o homem, simples transeunte no flanco do enigma, via-se obrigado a entregar o seu destino àquele despotismo. (*ibidem*)

Mas essa impressão rapidamente se desvanece para dar lugar, mais uma vez, ao medo que a floresta, pelo mistério que encerra, impõe a quem a observa, numa clara alusão à sobrevivência dos mais fortes. Assim, após um primeiro estado de encantamento, Alberto começa a tomar consciência do lado selvagem da floresta. A personagem observa o local com uma avidez que lhe permite manter-se alerta; e o desejo de fuga, que tantas vezes viria a experimentar, surge, pela primeira vez, neste momento:

O animal esfrangalhava-se no império vegetal e, para ter alguma voz na solidão reinante, forçoso se lhe tornava vestir pele de fera. A árvore solitária, que borda melancolicamente campos e regatos na Europa, perdia ali a sua graça e romântica sugestão e, surgindo em brenha inquietante, impunha-se como um inimigo. Dir-se-ia que a selva tinha, como os monstros fabulosos, mil olhos ameaçadores, que espiavam de todos os lados. Nada a assemelhava às últimas florestas do velho mundo, onde o espírito busca enlevo e o corpo frescura; assustava com o seu segredo, com o seu mistério flutuante e as suas eternas sombras, que davam às pernas nervoso anseio de fuga. (*ibidem*)

Após uma acalmia resultante deste primeiro reconhecimento, o protagonista volta a observar a aparente monotonia da paisagem para depois se deixar deslumbrar novamente, ainda que por breves instantes (dados os perigos fatais que a selva alberga), pela enorme variedade da vegetação:

Vista uma légua parecia ter-se visto tudo. Só a água, presa nos lagos ou deslizando nos rios e igarapés, quebrava, com a abertura de clareiras, o emaranhado aparentemente uniforme. E, contudo, havia ali uma variedade vegetal assombrosa, com milhentos indivíduos diferentes a confundirem-se e a engalfinhar-se mutuamente, como numa raiva surda, eviterna, mas quase sempre com a mesma expressão. (*ibidem*: 107)

Surge, neste ponto, a ambivalência de sentimentos a que já se aludiu anteriormente, porquanto a imensidão, estranheza e beleza da paisagem causam sensações tão antitéticas como o deslumbramento e o pavor, as quais se agudizam numa estranha «presença» opressora que faz desejar a morte:

Daquela bárbara grandiosidade e da sua estranha beleza, uma só forte impressão ficava: a inicial, que nunca mais se esquecia e nunca mais também se voltava a sentir plenamente. Solo de constantes parturejamentos, obstinado na ânsia de criar, a sua cabeleira, contemplada por fora, sugeria vida liberta num mundo virgem, ainda não tocado pelos conceitos humanos; vista por dentro, oprimia e fazia anelar a morte. Só a luz obrigava o monstro a mudar de fisionomia, revelando as suas pesadas atitudes, mas persistindo sempre no seu ar enigmático.

Às vezes, sim, por entre janela natural, engrinaldada de lianas, Alberto divisava, como uma constelação na noite, grande copa florida – pétalas enormes que ali eram amarelas e, um pouco mais além, de outra cor e diverso recorte. (*ibidem*)

Presença diminuta no meio daquela imensidão opressiva, onde os homens se transformam em meras criaturas, e a floresta é encarada como um «monstro», só resta ao protagonista permanecer até que a natureza o permita, pelo que a interrogação da personagem surge de forma natural:

Que espírito portentoso, amo ignorado daquelas solidões, se iria deleitar ante essa súbita apoteose, em volta da qual esvoaçavam, irisados, insectos sem conta? (*ibidem*)

Os excertos transcritos revelam um grande poder de pintar com as palavras tanto a forma como se percebe a realidade do espaço envolvente (a beleza da floresta virgem) como os sentimentos profundos e, por vezes, extremos da personagem que nela se insere. Assim, aquilo a que assistimos até este momento constitui a demanda do homem em relação a si próprio e o reconhecimento de que a possibilidade de perecer nesse mundo hostil é inerente à sua condição humana, independentemente do estatuto social, cultural ou ideológico. O romance assume-se como uma magnífica «viagem» pela intimidade misteriosa da selva e pelo íntimo não menos misterioso dos seus habitantes.

A exuberância da natureza descrita revela-se um assunto por si só, embora não o único. Além disso, a descrição da beleza da selva amazónica, nos moldes em que é feita, é enriquecida pela vivência do próprio autor que a transmite. Com efeito, a descrição altamente apelativa, rica em inúmeros pormenores, só é possível porque o romance é indissociável da sua própria vida. Jaime Brasil ousa dizer que a feitura do romance *A Selva* resulta de um processo de criação comparado ao ato de dar à luz:

Ferreira de Castro trazia *A Selva* no ventre quando regressou do Brasil. [...] A selva possuía-o, enfeitiçara-o. Os pavores e as angústias do adolescente habitavam o homem como demónios atormentadores. Só o Verbo que é luz e vida os poderia afugentar. Esse Verbo só encarnou quinze anos depois. Foi uma gestação de gigante. Ferreira de Castro sofria muito ao recordar as dores vividas. (Brasil, 1961: 48)

Por sua vez, Urbano Tavares Rodrigues considera que o valor do romance se encontra no seu vasto universo temático, extraordinariamente apelativo:

A Selva é o livro excepcional, que se escreve uma só vez na existência de um romancista: a narrativa matricial, cântico, alegria, tragédia, diário de suplícios e deslumbramentos. Homens escravizados, que arrojaram fora as grilhetas, ou seja, as dívidas que os prendem ao seringal. E o incêndio vingador. E a floresta virgem, húmida, envolvente, mortífera, sepulcro de aventuras e ambições. A modificação de Alberto, que ali deixa ficar convicções sem sentido e intui uma nova ideologia, a da solidariedade universal. (Rodrigues, 1996: 85-88)

Esta transcrição, ao enumerar os vários sentimentos e emoções que o autor terá experimentado nessa sua empolgante aventura, bem como as características da selva que este tantas vezes referiu nas suas detalhadas descrições, traduz exatamente o ponto que queremos provar com este nosso trabalho, isto é, a multiplicidade de sentimentos que a observação do espaço da selva amazónica e a vivência nesse espaço suscitaram no escritor e na personagem por ele criada, bem como a transformação pessoal que, em ambos os casos, resultou dessa convivência.

Regressemos às páginas do romance de Ferreira de Castro, e mais precisamente ao primeiro dia de trabalho do protagonista no seringal, o qual revelar-lhe-ia pormenores paisagísticos até aí nunca vistos e, novamente, o mistério enigmático da floresta:

A mancha, até agora obscura, da plantaria rasteira e dos arbustos que prolongavam a sombra em que a terra vivia adquirira já o seu verde natural. A luz conseguira, enfim, traspasar o cerrado e acendia agora as suas vistosas lâmpadas em todos os desvãos. E não era só claridade flutuante, como pó bem peneirado; era sol que fabricava jóias refulgentes nos troncos das árvores – anéis e diademas que matavam o ar soturno das princesas da floresta. Aquecia e ia-se tornando mais enigmático o silêncio. (Castro, 1980: 109)

As histórias dos índios Parintintins que Firmino vai relatando fazem ressurgir no protagonista o medo, já anteriormente experimentado, por contraste com a calma do colega, familiarizado há bastante tempo com o espaço envolvente.

É o próprio Ferreira de Castro que, no Pórtico de *O Instinto Supremo*, fala da sua fobia relativamente aos índios, aquando da sua odisséia no seringal Paraíso:

Eram o meu terror esses índios. Quase criança ainda, arribada dum meio diferente, quando caminhava pelos varadouros que ligavam as barracas dos pobres cearenses e maranhenses, dispersas na brenha, muito, muito longe umas das outras, esperava sempre ver os Parintintins surgirem por detrás das árvores, as flechas já nos arcos retesados, e abaterem-me num momento e cortarem-me a cabeça e sumirem-se de novo, deixando regressar o pesado silêncio da mata, que só por si me aterrorizava intensamente. (Castro, 1988: 14-15)

Esta confissão não só confirma o que já por diversas vezes enunciámos – a componente fóbica de Ferreira de Castro relativamente a alguns elementos da selva –, como também denuncia que os índios terão sido o terror mais pungente dos seus dias no seringal.

Também em relação a este aspeto se verifica uma mudança de perspetiva em vários momentos da narrativa. Com efeito, no romance, o terror com que Alberto escuta a história de Firmino sobre a violenta morte de Feliciano, perpetrada pelos índios Parintintins, e a repulsa que a mesma lhe desperta, são sentimentos esquecidos nos momentos em que faz uma apologia da vida selvagem e exprime o seu ódio à civilização. No entanto, os índios têm, na obra, uma presença quase invisível, para além de que são um assunto marginal. Mesmo assim, e por se tratar de elementos enquadrados na paisagem natural e selvagem, as raras ocasiões em que são evocados suscitam na personagem uma grande intensidade emotiva. É este fenómeno, aliado à mudança de perspetiva com que vão sendo encarados, que nos interessa analisar.

Pela voz de Firmino, a quem Alberto inquire sobre a razão do ódio que os índios votam aos civilizados, surge, mais do que uma explicação, uma justificação para as motivações dos Parintintins:

Porque os homens civilizados tomaram conta da terra deles. Isto aqui, antes de ser dos bolivianos que deixaram o seringal a seu Juca, era dos Parintintins. (Castro, 1980: 111)

O terror da personagem em relação aos índios é, assim, racionalizado. Ainda que descritos, de forma violenta, como portadores de tragédia e de morte, e por mais assustadora que seja a sua proximidade, os índios são apresentados como seres humanos

com motivações válidas, com cuja causa a personagem (e o autor do romance) se solidariza. Citando Ferreira de Castro:

Não podia eu, nessa época em que mal começava a alvorecer-me o espírito, imaginar que no futuro consideraria os Parintintins de maneira bem distinta daquela com que os julgava então [...]. (Castro, 1988: 15)

Surge nova descrição detalhada onde os jogos de luz e cor mais uma vez se destacam, a par de belas metáforas e imagens:

Desejando ocultar o seu medo, Alberto hesitava em formular perguntas, mas não conseguia dominar-se [...].

Firmino, tranquilo pelo hábito, ia de pé leve e braço decidido, pára aqui, pára acolá, em volta de cada seringueira [...].

A selva era, agora, um jogo fantástico e espectacular de sombras e claridades. O sol, onde encontrava furo, derramava-se em cataratas por entre o arvoredo, a branquear irregularmente os troncos, galhos e folhas e dando transparência aos rincões obscuros. No próprio chão, ao longe, vislumbavam-se, por esta e aquela fresta, grandes toalhas de luz, sobre as quais se banquetevavam asas multicolores. À esquerda e à direita, surgiam constantemente galerias, salões e criptas, de colunas e cúpulas arbitrárias, que não se assinalavam a outras horas do dia, quando a floresta parecia uma sob o domínio da sombra. Assim iluminada, causava menos terror, perdendo grande parte do mistério, denso e mórbido, que exalava ao cair da tarde. (Castro, 1980: 111-112)

A explicação detalhada, por parte de Firmino, do trabalho a efetuar na seringueira representa, numa sinédoque, a própria selva e tudo aquilo que ela simboliza. Nesse sentido, a seiva que escorre dos veios da árvore pode ser entendida como uma metáfora da vida, a vida da árvore e, por extensão, a de todos aqueles que ousam avançar por entre as entranhas da selva.

A vivência de Alberto no seringal torna-se, por vezes, tão opressora que a personagem sente-se presa num local tão belo quanto ameaçador, ao ponto de sentir uma depressão profunda da qual dificilmente se consegue libertar:

E mais nada. O resto era a selva, com a sua vida sombria, ali pertinho, fechando-o num anel estrangulador. Sentia-se-lhe a existência pesada, enigmática, numa vigília que dir-se-ia constante ameaça, um pânico jacente. Fatigados da muralha, os olhos tinham de procurar no céu um pouco de lonjura e de enlevo.

De devaneio em devaneio, Alberto pensou na próxima chegada da sua mala, com os livros, as roupas e os objectos – algo de si próprio, que constituiria a única satisfação do presente. Mas de novo a selva se lhe impunha. Lá estava, solene, com o seu multimilenário segredo, a atraí-lo, a atormentá-lo, achegando-se cada vez mais, cada vez mais, à medida que o sol se tornava horizontal. (*ibidem*: 119)

Constatamos, mais uma vez, o deslumbramento de Alberto perante a riqueza da paisagem circundante, aliado ao medo sempre presente, pelo que é difícil deslindar qual dos dois sentimentos predomina no espírito da personagem:

Ali pertinho, meia dúzia de passos na floresta, o igapó surgia, quedo, miasmático e pavoroso. Era, primeiro, uma língua de água que se estendia por entre os troncos, deixando marcadas em alguns deles as suas maiores subidas e envolvendo a outros os galhos rasteiros, até morrer na terra empapada, onde jazia uma pequena ubá. Mais além, sob o sortilégio da luz, essa água apodrecida ora se apresentava negra, ora dum esverdeado limoso e, alargando o leito, espriava-se pela grande mata, até se perder de vista. (*ibidem*: 126)

À flora exuberante aliam-se insetos e cobras que, camuflados na floresta, representam um perigo latente para os visitantes:

No seu fúnebre silêncio alimentava enxames de mosquitos, que tornavam penosa a vida do homem, e ia cozendo ramos, folhas mortas e mais resíduos da brenha. [...] E a floresta estava cortada por muitos pântanos semelhantes, largos e compridos como trechos de rios encarcerados, que o arvoredo cobria, misteriosamente.

Dir-se-ia impossível ali outra vida que não fosse de monstro terciário [...]. (*ibidem*: 126-127)

E a descrição magistral continua a provocar o pasmo da personagem. Note-se a referência à figura mitológica de Caronte, numa clara alusão à ideia de morte à qual estão condenados os habitantes da floresta, por oposição ao obstinado pulsar da selva:

Dobrada a curva ilusória, por um grupo de troncos sugerida, abriu-se, ao pasmo de Alberto, intérmina galeria, de tão cerrado dossel que a navegação parecia feita em túnel destinado à barca de Caronte. Aos lados, os caules, arbitrariamente dispostos e de todas as alturas e diâmetros, serviam de colunas desordenadas à cúpula verde e espessa. Da galharia e liames que se entrançavam por cima, num tal afã de vida que dir-se-ia secreto anseio de mútuo jugulamento, desciam, em ornamentação de pesadelo, longos fiapos, raizados inverosímeis, da cor do café moído. A água morta fora dando, ali, uma outra expressão à selva, impondo o negro, o amarelo, o castanho e festonando a gruta de estalactites vegetais. (*ibidem*)

Saliente-se a súbita «transformação» do espaço descrito (onde predomina a ideia de morte), mercê não só da proximidade da personagem, mas também da passagem do tempo e de uma mudança no seu estado de espírito. A grandiosidade da paisagem dá lugar a uma imagem disfórica da natureza, que encarcera os animais que nela habitam, ignorantes da sua própria sorte, facto tornado evidente pela passagem de tons multicolores para imagens onde predominam o negro e a escuridão. No meio de uma natureza complexa e impiedosa, Alberto vibra perante os constantes exemplos de desumanidade que a mesma oferece:

O cenário metamorfoseara-se. O que era de longe beleza, concha de luz e moldura de policroma tela, era de perto fealdade e imundície.

Da água presa, como a do igapó, na concavidade da terra e abandonada pelas outras, que se tinham escoado mal o rio dera em vazar, ficara apenas um charco, onde se recolheram quantas vidas por lá deambulavam. A princípio, dava alegria aos olhos topá-la assim no meio da selva, a oferecer à luz solar a face lisa e brilhante. Vinham, então, os patos bravos e as marrecas multicolores chafurdar ali e as próprias onças traziam os filhotes a dessedentar-se. Caldo de todas as culturas, gordo em manjares invisíveis, os prisioneiros não sentiam o cárcere e viviam em crescimento e abundância, despreocupados ante os contrafortes que os cercavam por todos os lados. Mas, com o Verão, o sol ardia mais e o que fora um metro de profundidade, era agora, só dois palmos. A poça começava a secar e os reclusos a morrerem. A água tornava-se para sempre negra, exalava cheiro fétido, que ia

empestando os arredores, e já nem onças, nem pacas, nem veados acorriam ali a matar a sede. À superfície reluzia, agora, a escama dos cadáveres e, no céu, os urubus iam riscando os seus adejos sombrios. Tudo aquilo se corrompia e fermentava, vendo-se já no fundo os galhos enlameçados, as folhas que apodreciam e as espinhas dos que mais depressa asfixiaram. Mas a vida prosseguia entre aquele lixo da morte. Na sua ânsia louca de criar, que a levava a ilogismos perturbantes, abalando o siso de botânicos e zoólogos, a selva dera existência a seres que brotavam da própria podridude. (*ibidem*: 129)

O excerto transcrito mostra a oscilação entre uma imagem da selva duplamente bela e disfórica, como dupla é também a percepção que dela tem a personagem em diferentes momentos. A selva surge como um organismo poderoso, capaz de exhibir o que de mais belo existe no mundo, bem como aquilo que de mais trágico a natureza possui: a ideia de corrupção e morte à qual todos os seres vivos estão sujeitos. Prevalece, no entanto, a ideia de vida, fruto da capacidade incrível de regeneração da selva a que já aludimos anteriormente.

Após o espanto e nervosismo provocados pela opulenta paisagem, sobrevém novamente o deslumbramento da personagem. O anoitecer na floresta, descrito muitas vezes como prenúncio de tragédia que provoca o terror da personagem, é agora apresentado de forma amena e como um fenómeno aprazível e reconfortante para Alberto. Torna-se, neste ponto, difícil deslindar se a paisagem descrita é a real ou apenas fruto da imaginação, como consequência do cansaço que as inúmeras potencialidades da selva provocaram na personagem. Em todo o caso, não há dúvida de que a paisagem (de onde não estão ausentes figuras fantasmagóricas) parece sofrer uma «transformação» suscitada pelo estado de espírito de Alberto naquele momento, desesperadamente ansiando por alguma acalmia. Como se de um sonho se tratasse, o *locus horrendus* anteriormente descrito dá lugar, rapidamente, a um *locus amoenus*:

Mas quando Alberto e Firmino alcançaram a piroga, já lá em cima a Lua ia doirando, suavemente, a cabelugem do arvoredo. A ubá deslizava devagar, porque agora, na noite enluarada, os olhos tomavam por sombra o que era tronco e por água os reflexos lunares. Dir-se-ia um sonho maravilhoso, uma cripta de encantamento, que a imaginação criara para deleite e espanto de curiosidades esgotadas.

A água negra tornara-se senda de oiro, onde a ramaria desenhava vultos estranhos e alucinantes. O lar descia, peneirando-se por entre a folhagem adormecida, pincela aqui, pincela acolá, cobrindo de jóias extravagantes os troncos e os seus rebentos. De quando em quando, um rasgão, um jacto doirado que ligava o igapó ao céu, marcava nitidamente a verdadeira altura da selva. Em redor do espelho iluminado, as sombras mostravam-se diáfanas e a água, sob os galhos ribeirinhos, sugeria profundidade abissal. E sempre, sempre, a miragem deslumbrante da floresta copulada pela luz de quimera. Para a frente, dir-se-ia não haver caminho; a vista detinha-se nos fustes mais grossos, onde o luar se ia esbatendo, como se tudo ali findasse. Mas quando a proa avançava para obstáculo, a selva rasgava-se de novo, a ilusão repetia-se, o mundo fabuloso continuava.

E silêncio. Um silêncio de boca enorme que se abria para soltar grito pânico e ficara muda e estarecida para toda a eternidade. Se Firmino suspendesse o remo, o igapó pareceria uma fantástica necrópole de sereias e tritões. (*ibidem*: 131)

A personagem surge agora como presa por um feitiço, em virtude da magnanimidade da paisagem circundante; e a descrição do espaço, com recurso a belas imagens, metáforas e comparações, e onde está latente uma certa sensualidade, atinge um ponto alto:

Fiapos e limos secos pareciam agora tranças de oiro, que sílfides fugidias tivessem deixado presas ao arvoredado. Dir-se-ia que o génio da noite, de onanística visão, se comprazia em criar imensa gruta transparente, ímpar e assombrosa, onde se fabricava medo e sugeria, ao mesmo tempo, a ideia da morte como uma volúpia. Embruxado pelo ambiente, Alberto viu, pouco a pouco, as escamas de prata alongarem-se e, com elas, mãos invisíveis irem modelando um corpo feminino, esbelto e nu. E agora os olhos dele transportavam adormecida mulher, que uma nesga de luar envolvia cariciosamente, como um véu diáfano.

Havia oiro, espelhos e sombras por toda a parte, mil formas de alucinação flutuando na água morta ou suspensas dos ramos mais altos, diluidamente enforcadas. E sempre o luar pintando a folhagem, doirando os troncos e descendo aos poços aéreos formados entre as árvores, para que a Lua mirasse a sua cara redonda. (*ibidem*: 134-135)

O estado inebriante que a personagem experimenta neste momento é atingido por todos os habitantes da floresta através da cachaça, bebida que «estrangulava a tristeza nas longínquas solidões» e pela qual eram capazes de «palmilhar léguas e léguas da floresta ou

de entregar, por um litro, o produto de muitos dias de labor». (*ibidem*: 143) A bebida funciona, assim, como um paliativo que mitiga o sofrimento dos seringueiros, que experimentam, em inúmeras ocasiões, os mesmos sentimentos do protagonista naquele espaço inóspito:

Até o novo domingo, todo o resto da semana se volvia em impaciência, semana negra como a água do igapó, dias longos em que a amargura sufocava e a boca exigia o ardor da esquece-sofrimentos. A embriaguez periódica era a única evasão do espírito, o único facho na longa noite da masmorra verde. (*ibidem*)

De realçar que, neste momento como em tantos outros da narrativa, a personagem experimenta sensações tão díspares como o deslumbramento e o medo, e a própria morte assume um caráter de satisfação sexual que a empurra para o abismo. Perpassa, neste trecho, a feição mágica e encantatória que, a par de uma boa dose de bestialidade, a floresta possui, bestialidade essa que não demora muito tempo a ser referenciada. Com efeito, escassas páginas mais à frente, o narrador fala das vicissitudes por que passam todos os que ousam desbravar a selva virgem, como se esta infligisse um castigo pela ousadia:

O caboclo via-os chegar, tão infelizes e desprotegidos, como diligentes e cobiçosos; via-os, com indiferença, ocuparem a terra dele, como se tudo aquilo lhes pertencesse e estivesse ali para seu regalo. Mas o tempo decorria e os que de começo espalhavam energias acabavam mostrando depauperamentos; os que haviam trazido expressão de futuros vencedores arrastavam-se depois como vencidos; e por um que regressava ao ponto de partida, quedavam ali, para sempre, centenas de outros, esfrangalhados, palúdicos, escravizados ou mortos. A selva não perdoava a quem pretendia abrir os seus arcanos e somente esse homem bronzeado, de cabelo liso e negro, que nascera já renunciando a tudo e se comprazia numa existência letárgica, junto de copiosas riquezas, encontrava nela vida fácil. (*ibidem*: 149)

A época das chuvas provoca uma nova metamorfose na natureza, que revela agora o seu lado mais feroz, numa descrição tão magistral quanto minuciosa, da qual transparece a ideia de destruição:

O rio começara a encher. Era um dilúvio anual [...], veios que borbulhavam, blocos de gelo que se derretiam, escoando-se da terra alta, regougando nas cachoeiras e destroçando, de passagem, tudo quanto se lhes opunha. Dir-se-ia que o Pacífico galgara a cordilheira e viera esparramar-se, em fúria ciclópica, do lado de cá. (*ibidem*: 155)

Os sacrifícios impostos pela interminável época das chuvas, e as dificuldades de movimentação no chão inundado, entristeciam profundamente Alberto, que «[...] tinha a sensação de se encontrar num cárcere, sem pena fixada, sem dia marcado para a abertura da porta». (*ibidem*: 157) Neste momento da narrativa, o aspeto da paisagem provoca no protagonista um desespero terrível e o desejo de fuga deste lugar medonho e desconfortável, já experimentado em momentos de amargura, agudiza-se, ao ponto de Alberto voltar a encarar a selva como uma prisão ameaçadora que não encerra nada de belo, mas apenas uma força destruidora que esmaga o homem, criatura insignificante. O sentimento de estranheza perante o desconhecido, que surge novamente neste ponto, assemelha-se ao experimentado pelo protagonista do romance de Torga, já referenciado anteriormente neste trabalho. Esta descrição do espaço é tanto mais desconcertante porquanto apenas algumas páginas antes esse mesmo espaço era caracterizado como um local ameno que despertava em Alberto uma sensação de profundo bem-estar:

Não se adaptava. Sentia-se sempre provisório, desejoso de partir e desesperava-se ao verificar que ainda há pouco chegara. Era outro o meio, outra a terra e outros os seres. Nada se criara ali para o comprazer, nada lhe falara das pessoas com quem convivera, dos seus antigos costumes, das coisas que amara. Era um mundo à parte, terra embrionária, geradora de assombros e tirânica! Nunca árvore alguma daquelas lhe dera uma sugestão de beleza, levando-lhe ao espírito as grandes volúpias íntimas. Ali não existia mesmo a árvore. Existia o emaranhado vegetal, louco, desorientado, voraz, com alma e garras de fera esfomeada. Estava de sentinela, silencioso, encapotado, a vedar-lhe todos os passos, a fechar-lhe todos os caminhos, a subjugar-lo no cativoiro. Era a grande muralha verde e era a guarda avançada dos arbustos que vinham crescer em redor da cacimba e, degolados pelo terçado de Firmino, brotavam de novo, numa teima absurda e alucinante. A selva não aceitava nenhuma clareira que lhe abrissem e só descansaria quando a fechassem novamente, transformando a barraca em tapera, dali a dez, vinte, a cinquenta, não importava a quantos anos – mas um dia! A ameaça andava no ar que se respirava, na terra que se pisava, na água que se bebia, porque ali somente a selva tinha vontade e imperava

despoticamente. Os homens eram títeres manejados por aquela força oculta, que eles julgavam, ilusoriamente, ter vencido com a sua actividade, o seu sacrifício e a sua ambição. (*ibidem*: 158)

O desânimo e a angústia de Alberto fazem com que volte a encarar o espaço circundante como um imenso perigo (agora mais avassalador e pungente), tal como acontecera aquando do seu primeiro contacto com a floresta, a qual assume, aqui, uma superioridade total. A nostalgia da sua terra natal é comum à sentida pelo jovem protagonista de *A Criação Do Mundo – O Segundo Dia*, aquando da sua chegada ao Brasil, que já descrevemos anteriormente:

Eram tardes quase sempre tristes, fizesse sol ou chovesse, a escutar os cearenses, os seus sonhos derrotados, os seus amores interrompidos – todo o carinho, todo o coração lá longe, na distante terra de nascença. (*ibidem*: 159)

O desalento do protagonista continua, como se a lugubridade da paisagem se projetasse no seu estado de espírito, até se transformar novamente em pavor do desconhecido e da presença ameaçadora dos índios:

[...] Alberto comovia-se e já não julgava por bem seus assomos de altivez e seu orgulhoso isolamento no convés do navio. Mais do que as gentes, o trabalho e o meio ambiente o desalentavam agora.

[...] Era a selva virgem e infindável, pertença teórica dum senhor que media as propriedades apenas na margem do rio. [...] mas, em realidade, outro amo existia, invisível, feroz, enigmático como a própria selva e que se comprazia em dançar, agitando o seu capacete de plumas, em volta da cabeça degolada do invasor. E outro pé humano não trilhara ainda essas bravias solidões, tão pavorosas e desconhecidas como no princípio do Mundo. (*ibidem*: 163)

A fuga inesperada de Agostinho (outra das personagens do romance, e companheiro de barraca de Alberto), em consequência do crime cometido, iria criar no protagonista um enorme desconforto e, novamente, uma terrível sensação de pânico. É sugerido que a bestialidade de Agostinho é suscitada pelo ambiente envolvente, o que confirma

fortemente a nossa sugestão de que o espaço influencia em grande medida não só a personalidade da personagem, mas também os seus atos:

A dualidade voltava, porém, a estabelecer-se. Não só o crime o importunava agora mas também o seu consórcio com a vida que era imposta ali a todos eles e com aquelas profundidades selváticas onde Agostinho fora buscar impunidade e que só por si metiam medo. “Como poderia resistir, como poderia sobreviver aos perigos, às lutas e aos sofrimentos dessa partida desesperada através daquele mundo inextricável?”. (*ibidem*: 167)

O «dilúvio anual» traz consigo, a par da desolação e destruição já referidas, a exuberante beleza das orquídeas; e a contemplação dessas flores provoca uma nova alteração no estado de espírito de Alberto. Mas a descrição da natureza esplêndida contém também uma referência à sua face mais voraz, numa clara alusão à exploração de que são vítimas os trabalhadores do seringal:

Estendeu o braço e apanhou a flor. Quanto valeria aquilo em Portugal! E a mata estava cheinha delas! Eram orquídeas preciosas, de recorte singular e surpreendentes cores, cactáneas de pétalas tersas de lírio, que tinham algo de sexo virgem e fascinavam como uma ilusão. Parasitárias, as raízes que lhes davam vida prendiam-se, como tentáculos, a caules de seiva rica e nunca mais desfaziam o abraço. E o drama não era único. Metade da selva vivia da outra metade, como se a terra não bastasse para o império vegetal e fosse necessário sugar as árvores que chegaram primeiro. Não havia ramagem que não alimentasse, com o próprio sangue, o seu parasita – as grinaldas estranhas que a envolviam. [...] Na sua mudez, aquele mundo vegetal tinha cruéis egoísmos, ferocidades insuspeitadas e tiranias inconfessáveis. Viver! Viver, à sua custa ou à custa de outrem, era a ânsia de todo o ramo, de toda a folha, por mais despersonalizados que se apresentassem aos olhos de quem os via. (*ibidem*: 168)

Mais uma vez, Alberto deixa-se enfeitiçar pela paisagem onde, sendo escassa a presença feminina, as flores inebriam o espírito ao adquirirem um lado sensual, num misto de fascínio e inquietação:

Era um jardim suspenso, cores de aguarela no verde imperante – surpresa com que a floresta aligeirava a sua densa monotonia. Faziam-no pensar em lábios carnudos de mulher, teimavam em sugerir-lhe órgãos secretos femininos; e ele arrancava ao sonho pares excitados, que as colheriam voluptuosamente. (*ibidem*: 169)

Uma nova visão da natureza implacável surge agora, numa alternância a que já nos habituámos:

Era uma língua de terra emergindo do dilúvio, espapaçado nas bordas, coberta ao centro de folhagem e troncos mortos, que apodreciam na humidade, promiscuamente. Todos os animais que os caçadores teriam vaidade em matar e muitos outros que ninguém ousaria comer vinham aglomerar-se ali – único abrigo que a selva lhes oferecia quando as águas avançavam em posse de muitos meses. [...] estavam encarcerados [...] entristecidos e famintos dentro do aro líquido que os prendia inexoravelmente. (*ibidem*: 169)

A descrição da fúria e pujança da selva, na sua faceta mais violenta, continua algumas páginas adiante, num tom hiperbólico onde os sons da floresta vão aumentando de intensidade e provocam em Alberto um medo atroz. Trata-se de um cenário dantesco que estimula todos os sentidos da personagem:

Já não era triste litania que a selva agora entoava; um uivo forte, perene e agoirento, viera substituir, entre fustes e umbelas, a monótona cantilena. A brenha uivava, ramalhava, contorcia-se sob o vendaval que conduzia para longe a sua música épica e desesperada. Toda a terra se arrepiava, voavam milhões de folhas desprendidas e não havia na maranha um só ramo que não se agitasse. Estreitavam-se e tremiam as copas exuberantes, parecendo, no seu desgrenhamento, não presas mas correndo na mesma direcção do vento, com louca velocidade. Era um concerto cada vez mais alarmante de instrumentos desvairados e cada vez também o regente mostrava frenesi maior. A água plácida do igapó pusera-se já a ondular, porque a ventania rompera, enfim, a muralha do entrançado e viera soprar cá em baixo a sua ária estentorosa. E, de quando em quando, lá nas alturas, o bombo da orquestra infernal fazia-se ouvir com fragor. Multiplicavam-se as bichas que iluminavam, por súbito clarão, o manto pardo em que tudo se embrulhara. Nunca Alberto vira, no mundo já trilhado, maior fúria dos elementos turbilhantes. Sob as rajadas, a selva cada vez arfava mais, rangia por toda a parte e dir-se-ia prestes a destruir-se a si mesma no imenso clamor. Era fantástica e alucinante no sinistro ulular, a que só punha

pausa o estampido do trovão, abalando toda a terra. Depois, de algures, reboando com secura, chegava o alarido forte de grande tronco rachado de alto a baixo pelo raio, num estralejamento brutal que parecia rasgar os nervos em pânico dos que o ouviam e se prolongava em ecos medonhos. Os trovões sucediam-se e os relâmpagos cruzavam-se numa doida apoteose de fim de mundo falido. E, agora e logo, vinha de longe, surdamente, a nota grave de colosso que a tempestade tombara, na barulheira da selva endemoninhada.

Caíram uns pingos grossos e depois a bâtega desabou. (*ibidem*: 172-173)

A descrição da tempestade é profusa em adjetivos e hipérboles e a fúria da selva produz na personagem uma profunda melancolia, que substitui o terror experimentado no momento imediatamente anterior:

Alberto pensava em Agostinho, tentando situá-lo nesse instante, talvez perdido nas tremendas solidões, sob aquela borrasca que parecia amedrontar os próprios recantos que produziam medo.

[...] Crescente indolência, sobre um fundo psíquico de irremediabilidade, lhes amortecia a fala. Era uma angústia densa, uma tristeza espessa ver a selva enervada pela invasão pluvial – toda a folha luzidia, pinga, pinga, marulha e estremece. Dir-se-ia fofa a terra no seu húmus formidável, hostis todos os galhos e mesmo quem estava seco sentia a alma molhada. A humidade furava da epiderme até às vísceras, imergindo em banho frio os próprios sentimentos. Nem cara colada à vidraça, em longas horas invernosas, sofreria a compacta monotonia da selva sob a chuva. Sempre, sempre, os mesmos caules escorrentes, as mesmas frondes rumorejantes, o solo apardaçado, as goteiras aos milhões e, para além, o obstáculo multiforme que não deixava passar os olhos. Vinha de cima, de baixo, de todos os desvãos, de todos os rincões, a intensa melancolia que a tudo traspassava. Agora, a selva não fabricava terror; não tinha expectativa, não se encontrava em suspensão; desvanecera-se, por momentos, o seu mistério e não se interceptavam já estanhos conciliábulos. Era um monstro que estava ali, pesado, inofensivo, a bramir um sofrimento que não despertava piedade. E, contudo, nunca, como então, sugeria a vontade de morrer. (*ibidem*: 173-174)

O anoitecer traz o fim da tempestade, descrito de forma igualmente prolixa, mas o sentimento que provoca no protagonista é o mesmo. Alberto continua profundamente deprimido e angustiado pela sua permanência neste local tão surpreendente quanto inóspito:

A luz esmorecente ia levando em ascensão a terra já enegrecida. O obumbramento crescia sem cambiantes, adensava-se em lastro e deixava-se de ver a chuva tocar o solo. Serenavam as comas sob o banho aluviônico e a tormenta uivava lá ao longe. Só persistiam a chuva e aquela taciturnidade, que não derivava de ramos desnudados ou de folhas amarelas de Outono, como na velha Europa, pois árvore que ali se cobrisse de folhagem estava vestida para toda a vida e, sem a enchente, não se daria mesmo pela mudança das estações. A tristeza brotava desse verde eterno e sempre igual, que oprimia, que sufocava com a sua pertinácia e exuberância. Perante ele, Alberto amolecia sob funda sensação de vida irrecuperável. Das várias hipóteses entretecidas ao ritmo monótono da chuva, só lhe advinha impotência, o fardo da sua dívida e o desespero de ver todos os caminhos fechados. (*ibidem*: 174)

A notícia de que iria passar a trabalhar no armazém em substituição de Binda, deixando para trás o seringal e todo o sofrimento que ele representa, provoca, naturalmente, uma profunda alteração no estado de espírito de Alberto. E, na sua última noite na barraca de Todos-os-Santos, a alegria resultante da notícia recente fá-lo olhar para a paisagem circundante com outros olhos, relativizando o poder opressor que a selva exercera sobre ele:

A barraca tinha agora, para Alberto, um sentido provisório, perdendo a muralha verde a temerosa influência que exercia sobre ele. Via-a já com outros olhos, como se pertencesse a uma época nublada e distante a vida que ali vivera. O seu espírito já se instalara muito longe da clareira, restando lá somente o corpo, em chamada, uma vez e outra, à parte que se fora e que só acudia ao apelo para inquietar-se com a demora. Parecia-lhe que cairia em desespero se viesse contra-ordem e que nunca mais encontraria resignação para adaptar-se de novo àquela clausura. (*ibidem*: 180)

Aliviado com a perspectiva da sua nova ocupação, a paisagem parece adquirir feições diferentes, fruto da mudança de sentimentos de Alberto:

As próprias árvores alteravam a expressão habitual, esmorecendo o seu verdor e tornando menos perturbante o seu mistério. Já não era para lhe estarrecer as pupilas que as

sombras da floresta cresciam assustadoramente, como na véspera, como em todos os dias anteriores. (*ibidem*)

Mesmo longe do coração da floresta, Alberto experimenta o mesmo terror perante as cobras que também aparecem perto do armazém, e, mais uma vez, a personagem fica aterrorizada e, ao mesmo tempo, maravilhada com a capacidade que este animal tem de se camuflar na paisagem:

Nos recessos da selva, Alberto tinha visto lianas que pareciam serpentes e serpentes que dir-se-iam lianas. Vegetal ou animal, tudo quanto, lá em cima, se enlaçava de galho para galho, num verde de limo escorreguento, sugeria o mesmo visco, o mesmo mundo de veneno e de pavor. (*ibidem*: 186)

Também perante o «exército» das poderosas formigas, Alberto exprime um misto de sensações: medo do ataque e espanto perante a sua assombrosa capacidade de trabalho e organização, em sintonia com a maravilhosa capacidade de regeneração da floresta, já anteriormente evidenciada, e que continua a surpreendê-lo:

No solo fértil, alegre por oferecer duas colheitas em cada ano e que só aguardava a queda das sementes para romper logo em imoderada vegetação, quase tudo quanto o braço humano fecundava o destruíam as formigas. Chegavam, um dia, uma atrás da outra, em comboio sem fim, e plantação que vicejasse, que fosse mimo e esperança, em breve só ergueria para o céu os talos desnudados. O que o dilúvio periódico não levava devoravam-no as ladras – como se a brenha, em todas as suas manifestações, quisesse demonstrar que outra vida, além da sua, não era ali admitida, que só a sua vontade podia imperar ali. Até grandes árvores, vestidas com pompa, se despiam numa noite para a outra, sob a vaga roedora e invencível. As folhas, cortadas em pequenos triângulos, marchavam para o formigueiro longínquo, muito direitas, muito aprumadas, umas após outras, como se fossem por seu pé, pois dum só lado se viam as infatigáveis condutoras, quase confundidas mimeticamente com o escuro da terra que as protegia. Algumas dessas formigas, tragando semente venenosa, morriam e secavam, de pernas ao ar, sob a luz equinocial. Mas nem aí tinha pausa a vida portentosa da selva. O grãozito que assassinara germinava dentro do cadáver e, um dia, uma pequenina liana brotava do insecto morto – primeiro húmus animal de novo triunfo vegetal. Outras, de dimensões e de cores como a Europa nunca vira, faziam

de mão ou pé onde tocassem uma geradora de dores insuportáveis. Possuíam labirintos de quilómetros e de quando em quando edificavam, à superfície, exóticos castelos de barro, altos como um homem. (*ibidem*: 187-188)

A permanência de Alberto no barracão, e o seu novo trabalho no armazém, tornam a sua estadia mais plácida, facto que se repercute no modo como aprecia agora a paisagem circundante, num claro contraste com o sentimento de estranheza e ódio que este mesmo espaço lhe suscitara aquando da sua chegada:

Tudo, agora, lhe parecia mais doce, cómodo e suportável. [...] Quando chegavam os navios, todo ele se alvoroçava pela ânsia de correspondência e do mais que se sentia em tombadilhos que vinham de centros civilizados.

[...] Quando, porém, o barco regressava ao porto de origem, as saudades queimavam-no ainda com maior intensidade, ali, de olhos, húmidos, junto das três palmeiras, a vê-lo afastar-se lentamente. (*ibidem*: 199-200)

Alberto, neste momento, experimenta as mesmas saudades intensas da pátria que o protagonista do romance de Torga sente durante os anos vividos no Brasil. Saliente-se também a mudança no interior da personagem que as novas circunstâncias propiciam:

Quando, porém, confrontava os primeiros dias que ali vivera com os que vivia agora, sentia-se menos humilhado. (*ibidem*: 200)

No entanto,

[...] ao domingo, os olvidos acabavam e vinha de novo o tormento. Havia, sim, uma outra existência para além da do barracão. A selva não era apenas o quadrado limpo a golpes de terçado e com a casa de Juca ao meio. Fora dali estavam o Firmino, o Chico do Paraisinho, o Procópio, o Joaquim, o Dico, o João Fernandes, os quatrocentos que saíam, todos os sábados, da maranha interminável. Vinham por uns litros de farinha, um quilo de jabá e a garrafa de cachaça que os fizesse esquecer o mundo inteiro e a eles próprios especialmente.

Firmino trazia-lhe puruís, cujo ácido forte ele saboreava com volúpia. E trazia-lhe, sobretudo, a lembrança do que ele não queria lembrar, do que desejava sepultar para sempre na noite dos pesadelos. (*ibidem*: 201)

O seu crescimento enquanto pessoa, e o afastamento dos sentimentos mais mesquinhos, permitem-lhe o reconhecimento das injustiças sociais. Está patente, no seguinte excerto, a ideia de fatalidade que o espaço da selva suscita perante a pequenez do homem, ideia essa já anteriormente apresentada:

«Não, aquilo não estava bem!» À medida que crescia no lugar, ia regressando a si mesmo [...].

Melhor elucidado, via agora a situação dos ex-companheiros com maior amplitude crítica do que quando moirejava no mesmo plano deles; uma situação que lhe ocorria diariamente no próprio escritório, onde o seu âmago se encontrava. E nas horas de solidão, em que a austeridade e a fantasia tanto gostam de alternar, distribuía mentalmente justiça a todos eles, muitas vezes ofendendo, durante esse devaneio, as suas ideias autocráticas, sem da agressão que lhes fazia se dar conta. Se as incoerências se denunciavam, ficava-se perplexo, todo confuso perante a nova inclinação que sentia e lhe provocava amargo conflito em lugar duma consciência apaziguada. E então, buscando o equilíbrio que se lhe negava, discorria que naquela natureza o homem pertencia menos a si próprio do que em qualquer outra parte. Além do amo, com sentimentos variáveis, mas formado do mesmo barro humano, outra potência existia, implacável na sua mudez vegetal, que para a obra de escravidão a Juca se aliava. Mas esse raciocínio também não lhe trazia a paz. (*ibidem*: 201-202)

Assistimos neste ponto, como já enunciámos anteriormente, ao crescimento pessoal da personagem, solidário com a tormentosa existência dos seringueiros, e consciente das dificuldades que a selva representa. O egoísmo e superioridade que sempre evidenciou relativamente a outros seres que considerava insignificantes dão lugar, apesar da sua atual posição confortável, a uma empatia que não lhe permite ficar alheio ao drama humano vivido no seringal, do qual se encontra geograficamente mais afastado.

No meio de uma vivência que considera moderadamente feliz, sobretudo se a comparasse com os tempos passados em Todos-os-Santos, Alberto não deixa, contudo, de experimentar, em varias ocasiões, o desejo de fuga, tantas vezes já expresso:

Como sempre que um barco se afastava, a angústia renascia em Alberto. Partir, fosse para onde fosse, era anseio inevitável quando aparecia um cano a fumar no rio. (*ibidem*: 207)

Já anteriormente nestas páginas referimos o efeito atroz que a selva, com a sua vivacidade e luxúria, provoca no instinto sexual dos seus habitantes. Alberto, horrorizado pelos comportamentos sexuais desviantes de Agostinho, obrigado, pela ausência da presença feminina na mata, a satisfazer os seus impulsos sexuais com animais, reagia desta maneira à terrível revelação, num diálogo com Firmino:

- É horrível! É horrível!
- Também seu Alberto irá, um dia, laçar vaca ou égua...
- Eu? Não diga isso! Proíbo-lhe que me diga isso, ouviu?
- Você verá, seu moço, você verá... Deixe chegar o dia... (*ibidem*: 123)

Neste momento da narrativa, e perante a presença tentadora de Dona Yáyá, mulher do senhor Guerreiro, por quem Alberto nutre os mais nobres sentimentos, o protagonista reconhece, não sem nojo de si mesmo, e como consequência da presença opressora da selva, o seu desejo de matar o guarda-livros para poder satisfazer os seus desejos sexuais com a mulher deste. Torna-se aqui evidente, mais uma vez, a influência nefasta que a sensualidade latente da selva exerce sobre os seus habitantes, exacerbando os seus instintos mais animalescos. O vaticínio lançado por Firmino parece confirmar-se:

No silêncio da terra, imaginar ou evocar era a única distração. E, como sempre, Dona Yáyá veio para o cérebro do faminto de amor. Tornara-se-lhe, nos últimos tempos, uma visão obstinada, de quando em quando mentalmente possuída com a cumplicidade mórbida da selva.

Mas, além, estava o dono. [...]

“E se o matasse? E se o matasse? Se o matasse... [...]”

A admissão gelou-o. [...]

Nas suas pupilas passaram Lourenço e a filha, Agostinho e outros mais que tinham biografia sangrenta na vesânica história do sexo. “Como podia ele pensar naquilo? Que

animal feroz crescia, assim, dentro do seu próprio cérebro, para lhe alucinar a razão? E tudo indigno dele, a quem tratavam com estima.” (*ibidem*: 213)

Inicialmente tentando justificar-se com o exemplo alheio, e com a influência latente do espaço selvagem circundante, que conspira para a satisfação imediata dos desejos mais básicos, Alberto, entristecido, acaba por admitir a ignobilidade do seu desejo e conclui:

“Era tudo uma porcaria. A própria natureza era uma grande porcaria.” Deprimido e da vida contristado, rumou ao barracão, para se deitar. A brisa não quebrara a mornura da noite e dir-se-ia que mesmo do igarapé se elevava um bafo pesado e quente.

[...] “A vida dava, às vezes, ainda mais nojo do que a ideia de apodrecermos depois de mortos.” Rentou a cerca onde se recolhiam vacas e bois, éguas e cavalos, olhou alguns instantes para os animais e prosseguiu no andamento. Já perto de casa, lembrou-se da insônia que o esperava e a insinuação, tantas vezes repelida com náuseas indignadas, saiu-lhe de novo ao caminho. [...] tudo era agora no cérebro dele, nos nervos e no sangue, como antes do fogo-fátuo.

[...] dirigiu-se ao alpendre onde se guardavam os laços. Palpou as cordas na obscuridade, com os dedos escolheu uma; e cá fora ensaiou-a, abrindo-a e atirando-a várias vezes para um quadrúpede imaginário. E de novo se fundiu na noite morna e cúmplice.

[...] Esgotou toda a água no banho longo e persistente, mas não conseguiu lavar-se da imensa repugnância que tinha por si mesmo. (*ibidem*: 219-220)

Encontramos, nos excertos acima transcritos, semelhanças com o romance de Torga, cujo protagonista se refere à «grandeza de tudo» num tom de verdadeira idolatria; e a observação atenta de coisas tão banais como os rituais de acasalamento animal provocam, no seu espírito, um ímpeto sexual difícil de controlar. Este fenómeno do intensificar do ímpeto sexual, num cenário apelativo e estimulador dos sentidos, encontra-se também patente, como já referimos, no romance de Ferreira de Castro. No romance de Torga, o impulso sexual não adquire, no entanto, a dimensão desviante que atinge em *A Selva*, mas é indubitável que, em ambos os casos, os estímulos da paisagem luxuriante intensificam o desejo sexual dos seus habitantes.

A sucessão de novas experiências e, com elas, de novas sensações, intensifica-se de dia para dia. Tal como afirmámos anteriormente, a observação da realidade envolvente

sugere as mais variadas impressões consoante os estados de espírito da personagem em cada momento, da mesma forma que o meio exerce sobre ela uma influência fortíssima:

E só longe do terreiro, a laçar um cavalo indomável, a ver lutar os toiros, ou a colaborar numa ferra tinha a sensação de respirar limpa e livremente a vida. A vida plena, franca, escancarada, que até o Lorde, o porco reprodutor, menos espectacular do que o Pavão, fruía diariamente. Às duas por três, ia encontrá-lo a cavalo nas leitoas, a mascar, a espumar, quase a dormir de prazer. Por baixo, a companheira, submissa, cheia de resignação. (Torga, 1997: 78)

E a inevitável comparação com a sua terra:

Em Portugal também se chegavam as vacas ao toiro e as porcas ao varrão, mas em Paços, no Tocaio, e ninguém assistia a nada. Eu, pelo menos, as vezes que lá fui com a reca, fiquei sempre à porta da loja. Ali, não. Quem abrisse os olhos, via o que quisesse.

E essa naturalidade pegava-se. Excitava os sentidos que, no fim de cada dia de trabalho intenso, pareciam ainda mais alvoroçados. (*ibidem*)

O excerto acima transcrito contém uma ideia de liberdade que, apesar de tudo, o protagonista do romance de Torga usufruía, ainda que só de vez em quando, ao contrário da personagem Alberto, que, encarcerado na prisão da selva, labutava arduamente para sobreviver no meio daquele universo exótico. Não obstante estes raros momentos de felicidade, a personagem sente-se infeliz e angustiada.

Mais adiante na narrativa, a jovem personagem faz referência ao seu desenvolvimento físico, fenómeno perfeitamente natural, como se este resultasse do vigor da natureza envolvente, numa clara simbiose entre meio e personagem. Esse crescimento físico não é, infelizmente, e como reconhece o próprio, acompanhado de um aumento da sua paz interior, dado que a opressão do ambiente familiar contrasta claramente com a abertura do meio natural:

Começava a ficar homem. No meio daquela pujança tropical, crescia também. Mas enquanto que o corpo se desenvolvia em tamanho – todos os dias tinha a impressão de não caber na roupa –, a alma apenas medrava em amargura. Amargura de me sentir injustamente odiado por minha tia, de ser como um estranho para meu tio, de viver

aperreado no seio da liberdade. A fazenda ia de vento em popa. [...] E eu sequioso de ternura, sem a receber, comido de desejos, sem os satisfazer, moído de trabalho, sem uma palavra de aplauso. E ainda havia pior. Embora fosse capaz, como o demonstrava, de cumprir a obrigação – o serviço sempre em ordem no terreiro e a escrita a bater certa no fim da semana –, o entusiasmo bandeirante dos primeiros tempos esmorecera. O espírito, mais reflectido, queria outras aventuras. Mas tinha de me convencer de que nunca acertaria o passo com a imaginação. (*ibidem*: 81-82)

Nas palavras de António Manuel Ferreira,

A terra é excessivamente fértil aos olhos e braços de um menino habituado à carência portuguesa; o pacto religioso com as transcendências rompe as normas de decoro e conveniência aprendidas num catolicismo paganizado, mas fortemente morigerador; e, acima de tudo, a irrupção do desejo sexual adolescente é intensificada por um contexto sociocultural inteiramente estranho. Por isso, a experiência brasileira do jovem Miguel Torga é dominada pelo desconforto e pela sensação de abandono. Admirado e “pedagogicamente” explorado pelo tio; detestado pela tia, que vê nele uma ameaça ao curso natural das heranças latifundiárias; e claramente exacerbado pelo agulhão da concupiscência, o jovem português não encontra no Brasil o lar salvífico que julgara esperá-lo. (Ferreira, 2007: 115)

Retomando as páginas do romance *A Selva*, o desassossego interior de Alberto perante a presença perturbadora da presença feminina, e os seus esforços quase sobre-humanos no sentido de reprimir os impulsos sexuais, levam-no a visualizar a paisagem circundante, de novo, como uma prisão. A mesma paisagem que, momentos antes, lhe era grata torna-se agora opressiva e asfixiante. Note-se o tom dramático que a descrição da paisagem sugere e a propositada ironia com que o narrador se refere ao local como «terra da fortuna», numa clara referência à ilusão rapidamente desfeita que levava os pobres seringueiros até essas paragens:

De novo o rio começara a vaziar. Todas as veias da selva levavam as suas águas denegridas ao caudal barrento, que ia emagrecendo dia a dia. Depois da invasão e posse, dava-se agora a retirada e cada manhã o sol tinha na floresta mais um estirão a enxugar. [...] E se a enchente alcançava, em toda a região amazónica, o nível da tragédia, a vazante

não se operava também sem sulcos melodramáticos. [...] a terra da fortuna passava metade do ano isolada do Mundo. [...]

Durante todo esse tempo, a selva era cárcere sem porta e enquanto as feras, reconquistada a terra nativa, por ela andavam livremente, estavam presos os homens. (Castro, 1980: 221-222)

A chegada de uma carta de sua mãe, informando-o de que já nada o impedia de voltar a Portugal, infunde em Alberto um novo ânimo e o seu espírito renasce. Embora sendo um espaço que muitas vezes o maravilha, a selva aterroriza-o muitas mais com os seus mistérios e múltiplos perigos. Daí que o desejo de fuga seja novamente evidente. O seguinte excerto é também demonstrativo da mudança interior da personagem. Reconhecemos, nessa mudança, a presença do autor, a sua visão esperançada nos homens e na sua transformação para melhor, num mundo futuramente habitado pela justiça:

[...] os republicanos haviam, enfim, resolvido amnistiar os insurrectos de Monsanto. Ele podia, pois, regressar livremente, quando lhe aprouvesse. [...]

Alberto leu, releu, os olhos húmidos de emoção, o passado a ressurgir, vivo, vivo e fascinador como nunca.

“Os republicanos... Os monárquicos...” Tudo aquilo lhe soava imprevisivelmente aoco, longínquo e sem sentido. Arrefecera-lhe a paixão, as suas antigas ideias pareciam-lhe de tempos remotos, dum outro eu que se perdera e esfumara na lonjura. [...] O que desejava, sobretudo, era ver o cenário perante o qual eles representavam. As ruas de Lisboa, as salas da Faculdade, os primeiros condiscípulos, a sua casa e sua mãe... A mãe! Como lhe custaria pouco o acto, outrora inadmissível, de renunciar às velhas aspirações, se tanto fosse necessário, para volver à terra distante. Cada vez sentia menos o domínio das teorias que o haviam forçado a emigrar e parecia-lhe mesmo que sobre elas se iam condensando, de modo ainda mal definido, uma razão diferente e um sentimento de justiça nova, mais profunda e mais vasta. “Em muitas das suas expressões, a vida rastejava ainda, em tanto mundo e ali mesmo, à altura dos pés humanos; e não era decerto com os velhos processos, já experimentados durante dezenas de séculos, que ela poderia ascender aos níveis que o cérebro entrevia. Não era, decerto, no que estava feito, era no que estava por fazer que o homem viria a encontrar, talvez, o melhor de si próprio.” (*ibidem*: 225-226)

Como que impulsionado por um súbito sentimento de alívio e «renascimento», o desejo de voltar à terra natal torna-se ainda mais pungente e a ideia obsessiva não mais o abandona a partir deste momento. A recordação da sua terra provoca-lhe grande emoção e felicidade, sentimentos que se sobrepõem aos experimentados no momento imediatamente anterior ao da receção da carta:

«Bastar-lhe-ia a passagem para Manaus e de lá para Lisboa. Mesmo em terceira classe, seria já felicidade, pois a ideia do regresso tudo absolvía. [...]

Via-se já, com grande alvoroço íntimo, a desembarcar em Lisboa e a enternecer-se ante a cidade prenhe de recordações: – “Foi aqui que me sucedeu isto, foi ali que me sucedeu aquilo...” [...].

Havia de regressar se não morresse, se as febres o respeitassem como até então sucedera. Havia de regressar! (*ibidem*: 226-227)

A espera resulta-lhe agora mais fácil e, por conseguinte, o espaço circundante mais ameno:

O seu espírito seguia, exultado, a rota da cidade nativa. Tudo agora lhe parecia fácil: mais uns meses ali e novamente trilharía as ruas de Lisboa. (*ibidem*: 228)

Observamos aqui semelhanças com a euforia com que o protagonista do romance de Torga vê, da embarcação onde se encontra, a sua terra aproximar-se, mas deste facto daremos conta mais à frente no nosso trabalho.

O impulso sexual volta, inesperadamente, a assaltá-lo perante a presença perturbadora de Dona Vitória, uma senhora de idade avançada, e o cenário envolvente secunda, com cumplicidade, o seu ardente desejo. Ansioso por encontrar uma justificação para o seu vil desejo, Alberto refere a complacência que a própria natureza confere a esse ato, numa espécie de conspiração conjunta:

A velha preta estava ali, a sós com ele; no seu peito enfebrecido, soavam mil esperanças de triunfo e era propícia, como nunca, a sombra da noite que caía.

[...] Afirmava a si mesmo que a responsabilidade não era dele, era do meio, era essencialmente da Natureza, mas o seu amor-próprio continuava vexado por aquela nova acção de aviltamento. Um instante, às suas faces, agora frequentemente barbeadas pelo

filho de nhá Vitória, sobrepuseram-se as faces sujas de barba que ele e os outros seringueiros traziam, desmoralizadamente, em Todos-os-Santos, durante a semana inteira, por vezes durante semanas a fio. “E para quê o contrário, se todos eles eram vítimas, se não havia ali presenças femininas a estimularem a presunção dos homens, se não havia exemplos a seguir, para quê se lentamente a selva impunha o regresso à negligência, o retrocesso dos civilizados, como se estivesse empenhada em reincorporá-los na selvageria de onde se tinham evadido?” (*ibidem*: 230-231)

A proximidade do regresso a casa leva-o a tecer considerações sobre a sua estadia no seringal. Neste momento, é a própria personagem que, com as suas palavras, confirma o carácter dualista da selva e daquilo que ela representa aos seus olhos, indo ao encontro das convicções que pretendemos provar ao longo do nosso trabalho, nomeadamente que as várias cambiantes sociais, geográficas, pessoais e até temporais condicionam a perceção do espaço:

A recordação da sua estada em Todos-os-Santos [...] amarfanhava-o ainda, dolorosamente. Ah, quando ele pudesse recordar, longe dali, o pesadelo! Que sensação teria quando pensasse naquilo em Lisboa, a uma mesa solitária de café, ou subindo sozinho a Avenida da Liberdade, como fazia outrora, ao cair da noite, vendo os pneumáticos dos automóveis luxuosos e as bolas de borracha com que as crianças brincavam? Sim, a selva era bela, majestosa, mesmo deslumbrante. E era rica, havia de ser fantasticamente rica também, mas um dia – um dia que vinha ainda longe. Entretanto, toda a sua beleza esmagaria, toda a sua deslumbrância seria volúpia do primeiro contacto, logo desvanecida pela monotonia; e os anónimos desbravadores iriam caindo, inexoravelmente, sob as febres palustres, traspassados pelas flechas envenenadas, desvairados pela ausência do amor – escravos, pobres, miseráveis, ali onde a natureza erguia as suas mais fastigiosas pompas! (*ibidem*: 241)

O distanciamento geográfico relativamente à dura realidade experienciada conferiu-lhe, sem sombra de dúvidas, um novo significado e uma perceção diferente. O excerto transcrito é, porventura, um dos mais significativos da obra, porquanto encerra, em súpula, o cerne do romance: a luta desigual do homem num local inóspito em que a selva se assume como amo despótico, entidade luxuriosa e tirânica, que faz questão de reduzir o ser humano à sua natural insignificância, fazendo-o ostentar o seu lado mais bestial.

Transparece a dimensão fortemente negativa que a selva assume tantas vezes ao longo do romance, pelo que o seu caráter disfórico é aqui posto em evidência:

[...] aquela irredutibilidade que utilizava os próprios fulgores dos trópicos para acordar a morte nos pântanos e abrir sepulturas mesmo quando eles pareciam glorificar a vida assombrosamente multiforme que nela se desenvolvia; aquela irredutibilidade que protegia dramas e escravidões ou até os provocava e tinha vozes que alarmavam a noite panicamente, na sua maranha sem fim, em contraste com o silêncio diurno, um silêncio de espanto coalhado, ao mesmo tempo musical, que parecia provir da cabeceira de milhões de anos, sempre e sempre refeito. (*ibidem*: 250)

Quando, respondendo à sua solicitação, a mãe envia o dinheiro de que necessitava para pagar a sua dívida e poder, assim, empreender a viagem de regresso, o espírito de Alberto ilumina-se, adquirindo novo sentimento de alento e satisfação íntima. Mais uma vez, e fruto do seu novo estado de espírito, o cenário circundante apresenta-se com uma nova feição, mais agradável e prazenteiro:

A sua impaciência pela resposta materna enervava-o, porém, criando-lhe penosas insónias e tornando-lhe inacabáveis os dias. Mas quando ela, enfim, chegou, mesmo o feio lhe pareceu suportável, a lembrança das dores sofridas suavizada, a Natureza vestida de galas festivas. Estavam mais belos os crótones do quintal, as flores dos jasmims adquiriam novo sentido, como se ornamentassem, algures, uma cabeça de mulher nua num secreto leito de volúpia; e dir-se-ia que o próprio sol do equador, tão violento, rebrilhava subitamente em fantásticas irisações. (*ibidem*: 256)

Neste momento da narrativa, emerge, novamente, a transformação profunda que a personagem sofre, em virtude das vicissitudes que enfrentou e das atrocidades que testemunhou. A sua petulância inicial é substituída por um forte sentimento de solidariedade para com os seus companheiros de infortúnio, muito mais sofredores do que ele próprio:

E os outros? Os outros? Os que haviam esgotado, no cativeiro da selva, muitos mais anos do que ele, toda a mocidade, toda a vida, as ambições e as quimeras? E se ele não fosse branco, se não tivesse a simpatia do senhor Guerreiro, se não se encontrasse apto

para desempenhar o cargo de Binda, que as circunstâncias lhe abriram subitamente? Se em vez de estar ali, em contacto com Juca, se em vez de jogar o solo com ele, de comer ultimamente à mesma mesa, estivesse em Todos-os-Santos, simples seringueiro como Firmino, como todos os outros que mantinham o seringal, que davam a vida por uma riqueza de que não aproveitavam, a dívida ser-lhe-ia também perdoada? Não, com certeza não! Era certo que os homens são bons ou maus conforme a posição em que se encontram perante nós e nós perante eles; e falso o indivíduo-bloco, o indivíduo sem nenhuma contradição, sempre, sempre igual no seu procedimento. (*ibidem*: 258-259)

A última constatação encerra a aprendizagem que a sua estadia no seringal lhe proporcionou: o homem é por natureza mau; mas a esperança reside no facto de este poder sempre transformar-se, adquirindo uma feição mais justa. Ecoam aqui os ideais do autor do romance, cujo amor pela humanidade e profunda esperança já foram anteriormente mencionados. É a própria personagem que, num diálogo com Juca, afirma:

[...] – Tenho aprendido muito nos últimos tempos. Sobretudo depois que vim para aqui.

– Então?

– Não sei. É um desejo que tenho de justiça para todos. Sem dúvida, a Humanidade está longe ainda da elevação colectiva que eu sonho para ela. Mas a evolução é coisa tão lenta e a vida de cada um tão pequena que eu, às vezes, penso que a sede de justiça que há por toda a parte acabará por marchar à frente...

[...] – Quando estamos fora da nossa terra, perdemos, quase sempre, a paixão política. Eu, hoje, sou diferente do que fui... Sinto que mudei bastante. Há muitas coisas que eu não dava por elas e agora dou. Penso que têm razão os que querem um mundo mais justo. (*ibidem*: 259)

A captura dos seringueiros que, fartos da vida miserável, tinham decidido fugir, e as circunstâncias em que são trazidos de volta e castigados, provocam em Alberto um novo sentimento de angústia e profundo sofrimento. A alegria com que Alberto enfrentava os seus últimos tempos no seringal dá agora lugar ao desespero e revolta perante as atrocidades de que os seringueiros são vítimas, particularmente Firmino, seu ex-companheiro de luta em Todos-os-Santos. Em virtude do seu novo estado de espírito, a

paisagem ganha novamente contornos negativos. O espaço envolvente parece comungar do seu sofrimento, numa perfeita simbiose entre personagem e meio:

Noite de desespero, com a visão dos homens a moverem, nas trevas, os músculos doridos pelas cordas que os amarravam, na manhã seguinte, quando Alberto entrou na varanda, pareceu-lhe que tudo se encontrava sob a mesma obsessão que o afligia, que tudo falava, baixinho, da vida dos prisioneiros. O sol matinal possuía outra cor, era inédito o perfil da sapotilha, a frescura do capim, habitual a essa hora, não dulcificava os olhos, como nos outros dias. A varanda estava solitária de lés-a-lés. Vira-a assim muitas manhãs, mas nunca a vira como agora. O seu abandono não tinha a expressão daquilo que oculta existências vivas; dir-se-ia, contudo, que nesse silêncio algo de imprecisável murmurava subtilmente, ali ou algures, longe, talvez. As coisas pareciam distender-se num espreguiçamento de seres humanos às horas matutinas e não refeitos ainda dum sonho mau. (*ibidem*: 275)

O desfecho do romance, inesperado e pouco previsível, representa o fim do sofrimento não só do protagonista, mas de todas as outras personagens. Com efeito, o devastador incêndio constitui-se como uma punição para todos aqueles que exploraram e escravizaram o seu semelhante.

Registe-se a dimensão simbólica do fogo, o qual vem purificar um sistema ignóbil baseado na exploração de homens miseráveis que vivem como escravos dos donos dos seringais. Nesse sentido, a primeira impressão que o incêndio causa no espírito de Alberto tem a ver não com a sua dimensão trágica, mas sim com o espetáculo de beleza que proporciona:

A terra que ia da varanda ao rio era um deslumbramento. A sapotilha doirava-se e os japins, acordados por tanta luz, assomavam as cabecitas negras ao orifício dos seus ninhos, suspensos da ramagem; amarelava-se o verde do capim rasteiro e, avançando sempre, a fulgurância ia esculpturar, em meia sombra, o bananal e as embaúbas da outra margem do igarapé. [...]

Os olhos esbarravam no ígneo espectáculo, amplo e fantástico, como nunca existira ali, [...]. Mas logo os nervos triunfavam sobre o espanto visual. [...]

Só as figuras, com as suas expressões e gestos, ditavam sentido dramático à cena grandiosa. (*ibidem*: 281)

Deparamo-nos aqui com a mesma ambivalência que Alberto sempre sentiu em relação à selva. O fogo é devastador e, ao mesmo tempo, purificador, encerrando uma dimensão encantatória. O fogo, ateadado propositadamente por Tiago, antigo escravo, visa pôr fim ao abuso cometido com os seringueiros foragidos. Percebe-se, imediatamente, a sua motivação:

Mas seu Juca se desviou... Estava a escravizar os seringueiros. Tronco e peixe-boi no lombo, só nas senzalas. E já não há escravatura... (*ibidem*: 286)

Sobre o desfecho do romance, Ricardo Alves afirma o seguinte:

A simbólica destruição pelo fogo do universo concentracionário do seringal significa a demolição dum mundo velho e a afirmação do irreprimível anseio de emancipação humana. (Alves, 2002: 132)

Quase no final do romance, a declaração emotiva da mesma personagem, o negro Tiago, que ressoa como um grito de revolta, justificando o ato refletido:

Negro é livre! O homem é livre! (Castro, 1980: 287)

Não obstante a ideia de destruição que paira no final da narrativa, a história termina com uma nota de esperança no futuro. Perpassa o ideal do autor, que, embora consciente do carácter inatamente mau do homem, acredita na sua capacidade de evolução e transformação até se atingir a justiça social. A frase com que finaliza o romance é disso exemplo:

Quando chegasse a manhã, derramando da sua inesgotável cornucópia a luz dos trópicos, haveria ali apenas um montão de cinzas, que o vento em breve dispersaria... (*ibidem*: 288)

Como temos vindo a constatar, a vivência da personagem num determinado espaço, inicialmente estranho e desconhecido, suscita uma profunda mudança interior e a sua elevação enquanto ser humano.

Já por diversas ocasiões referimos que o contexto cultural, social e emocional inerente às personagens determinam a forma como estas veem o espaço à sua volta e o retrato que dele vão traçando. As súbitas e constantes mudanças de perspetiva das personagens, resultantes da alteração dessas condicionantes, presenteiam-nos com as mais díspares descrições do cenário que enquadra a narrativa em vários momentos.

Na nossa opinião, a descrição da paisagem brasileira não assume, em *A Criação do Mundo – O Segundo Dia*, a magnanimidade com que é apresentada em *A Selva*, mesmo quando esta mostra a natureza no seu aspeto mais feroz e disfórico.

No romance de Torga, do mesmo modo singelo como é apresentada à chegada da personagem, a paisagem descrita no momento da despedida não apresenta qualquer fausto. Isso deve-se talvez ao facto de, neste momento, a personagem recordar apenas os infortúnios que nesse lugar vivenciou, os quais se sobrepõem, indubitavelmente, aos escassos momentos de felicidade fulgurante que lá experienciou.

A metáfora da «Via Sacra» e do «calvário» corrobora esse facto. O relato é acompanhado, tal como acontecera na chegada, de uma enumeração reveladora de melancolia e, até, fastio. De certo modo, parece refletir-se na paisagem geográfica o sofrimento e a ausência de afeto que dominaram a estadia do adolescente nesse local:

Voltei-me na sela do Beija-Flor para vê-los pela última vez. A eles e ao terreiro da minha infelicidade. Ali ficavam o moinho, o chiqueiro, os currais, o paiol, todas as estações da Via Sacra. (Torga, 1997: 119)

Quando, passados cinco sofridos anos, empreende a longa viagem que o levaria de regresso a Portugal, o jovem experimenta sentimentos diferentes. A bagagem que transporta consigo, composta por todas as vivências e aprendizagens, torna-se um pesado fardo. Ao espanto e desespero com que, pela primeira vez, observou a paisagem, sobrepõem-se uma certa displicência e até insensibilidade provocadas não só pelas mágoas anteriores, como também pelo reconhecimento de uma realidade tornada familiar com a passagem dos anos. Os elementos característicos da paisagem permanecem, contudo, os mesmos, descritos numa combinação sinestésica que enfatiza ora a escuridão, ora a

luminosidade, o aroma e a espessura da floresta, e de onde não está a ausente a referência à monotonia da viagem:

Petrópolis apareceu daí a pouco, envolta numa penumbra perfumada de cravos. Depois começou a descida para o Rio, vagarosa, íngreme, dentro do véu espesso da noite. Até que o barracão horizontal da Leopoldina Railway, cheio de luz, pôs fim ao torpor da viagem. (*ibidem*)

Como já foi observado anteriormente, a mudança (desta vez intelectual) da personagem é acompanhada por uma alteração do modo como esta percebe a mesma realidade:

A cidade, agora, tinha outra realidade. O ingénuo rapazinho que a vira em espanto e desespero à chegada do *Arlanza* morrera. [...] O carro que desta vez me levava vertiginosamente pela Avenida do Mangue movimentava as coisas, mas não as tornava siderais. [...] Nem a baía de Guanabara, no dia seguinte, conseguiu fazer transbordar a taça dos sentidos. A própria beleza deixara de ser uma nebulosa nos meus olhos. O informe azul começava a ter linhas, cores e volumes. A imensa concha azul, que grandes e pequenas ilhas salpicavam de verdura, e a teoria de montes à volta, que lembravam gigantes tornados Narcisos à beira das águas, só como certezas físicas se prestavam aos devaneios da imaginação. O mundo pedia-me lucidez antes de cada deslumbramento. [...].

Crescera por fora e por dentro. Nem a mais leve sombra da confusão de outrora.

Aprendera a objectivar a vida. Caminhava no chão. [...]

Outra vez na rua da Quitanda, e ao contrário do que acontecera nesse remoto dia da vinda, sorria intimamente do Sésamo quimérico que ali vislumbrara. [...]

Tudo simples, claro, concreto. Os actos e os sentimentos iluminados pelo mesmo sol que fazia da estátua de Pedro Álvares Cabral uma estátua de Pedro Álvares Cabral, e da Avenida Rio Branco uma bela, comprida e aberta estrada de liberdade e certeza. (*ibidem*: 125-126)

O jovem inocente tinha-se transformado num adulto sensato, ponderado e muito menos sonhador, como consequência das agruras vividas na fazenda. A transformação da personagem está intimamente ligada, como já tivemos oportunidade de verificar, à relação simbiótica que estabeleceu com aquele mundo exótico onde foi obrigado a permanecer

durante cinco anos, tendo resultado uma abertura a esse mundo que lhe permitiu uma compreensão do mesmo.

Talvez por essa razão, não é sem uma ponta de melancolia que a despedida da terra brasileira é apresentada, num misto de tristeza e alívio:

Devagar, a proa do barco começou a mover-se e o Brasil dos meus sofrimentos a distanciar-se. Primeiro, o maciço duro da cidade; a seguir, a fita redonda das avenidas marginais; depois, o Pão de Açúcar; finalmente, a linha de costa, cada vez mais esfumada. Grandes e pequenos acidentes de um todo que eu cobrira de lágrimas infantis. De lágrimas que não tinha agora para chorar...

[...] Por detrás da bruma que pouco a pouco ia cobrindo tudo, ficava a terra onde deixava cinco anos de vida. E a alma, magoada, negava-se a cobrir de saudades prematuras esse chão já só vislumbrado, esquecida de que não guardava apenas dele imagens tristes.

Pelos dias adiante, o oceano tenebroso da primeira viagem foi-se desvendando das sombras passadas. (*ibidem*: 126-127)

Finalmente, o vislumbre da sua tão amada pátria provoca fortes sentimentos de entusiasmo e felicidade perante a perspectiva de uma nova vida, desta vez menos madrasta do que a que tivera em terras do Brasil e menos miserável que a da sua infância em Trás-os-Montes. A pompa da descrição da paisagem nada fica a dever à beleza das imagens utilizadas para descrever as suas impressões por terras do Brasil. E surge, em catadupa, todo um conjunto de memórias e o reconhecimento de situações familiares:

Portugal apareceu ao cabo de mais alguns dias. Foi primeiro um pressentimento ao longe, só desejo e fome de terra. Depois, a promessa vaga de uma pátria. Finalmente, o volume maciço dum monte. Quando dominei a emoção, já um versátil sorriso de cores se abria na esfumada miragem. O negro passava a castanho, o castanho a amarelo, o amarelo a verde, e daí a pouco havia caules e ramos a ondular nas encostas. E com essas presenças familiares, que a memória identificava – o pinheiro das fogueiras fumarentas de meu Pai, a oliveira do dia de Ramos e o trigo do pão de Favaio –, veio também a antevisão de Agarez, tutelada pela Senhora do Amparo, a branquejar no alto da serra. O Eirô, a quelha, a nossa casa, e minha Mãe à espera, sentada na soleira da porta a cantar romances velhos [...]. (*ibidem*: 128)

Mais uma vez, surge a comparação entre a pátria e aquela terra que durante alguns anos o albergou. Naturalmente, a supremacia da pátria provoca-lhe uma serenidade contrastante com o desconcerto que, alguns anos antes, a visão do Brasil suscitara. A visão da sua amada terra transmite-lhe, além disso, uma sensação de conforto que não experimentava há já muito tempo:

Lisboa, pálida, espreitada, começou então a nascer do mar, do Tejo e das colinas, numa sugestão de harmonia que se opunha à imagem de pujança das cidades que trazia na retina. Havia qualquer coisa de definitivo no seu perfil cansado. O rio que lhe corria aos pés também não lembrava o Paraíba aos saltos. Envelhecera certamente da velhice dos rios [...] Mas era certamente de uma serenidade assim que eu precisava, resabiado como vinha de violências de toda a ordem [...]. (*ibidem*)

Miguel Torga definiu-se a si próprio como um «geófago insaciável». (Torga, 1999: 890) As viagens regulares pela sua terra foram acompanhadas por inúmeras travessias noutros países. Ele gostava de se ver em terra alheia. «É uma das maneiras de perspetivar a minha, a que medularmente me importa», explicava. A este propósito, e durante uma viagem a França, o protagonista de *A Criação do Mundo* refere o seguinte:

Atento a todos os ensinamentos da viagem, não me saía do pensamento aquela lição terrunha, aprendida quando menos esperava. O apego das raízes ao chão nativo! Depois de tantas andanças, de tanto sofrimento, de tanto estudo, o cordão umbilical continuava ligado à matriz. Tinha, realmente, uma paisagem, um meio, um sítio geográfico vital gravado nos cromossomas! O corpo podia correr todos os caminhos do mundo, e o espírito voar em todas as direcções. Aonde chegassem, denunciariam sempre a marca da origem, a singularidade inconfundível, espécie de sabor à terra de proveniência, como o dos frutos. (Torga, 1997: 246)

E uma página à frente:

[...] tenho o corpo e a alma plantados naquele chão. E não posso fugir também a esse condicionalismo, complementar ou paralelo ao da fala. Ando de fronteira em fronteira a ver coisas. Mas sei de ciência certa que só quando voltar é que lhes vou descobrir a verdadeira significação. Chega a ser engraçado: o universal, que num país estrangeiro sinto

infinitamente longe de mim, das fragas nativas parece-me ao alcance da mão... (*ibidem*: 295)

Os excertos acima transcritos mostram a íntima ligação de Torga e o seu incondicional amor à terra natal, já por diversas vezes aludidos ao longo deste trabalho. No entanto, mais uma vez, a visão da paisagem é sempre influenciada pelas circunstâncias de cada momento. Com efeito, numa viagem a Agarez, acompanhado de um colega cardiologista que iria examinar a sua mãe, o sofrimento interior leva-o a observar a paisagem tão amada de forma disfórica:

Enquanto o carro devorava os quilómetros e o colega dormitava a meu lado, ia pensando no absurdo da doença e no seu poder inibidor. Como que invalidava a lei natural dos estímulos e das reacções. Dantes, nos bons tempos em que nenhum mal, nem meu nem dos outros, me afligia, era sempre num deslumbramento que via deslizar pelos flancos da estrada a progressão de serranias, cada vez mais empolgantes. Agora, angustiado, a saber que tentava em vão remediar o irremediável, olhava os mesmos panoramas sem qualquer emoção. Parecia vê-los com olhos baços. As paisagens não ficam diminuídas no embotamento dos nossos sentidos; mas deixam de ter um estalão que lhes meça a grandeza. (*ibidem*: 446)

Segundo Gustave-N. Fischer, a paisagem desempenha um papel determinante na organização dos grupos humanos, ao tornar-se o seu *habitat*. As relações que coordenam a interação do homem com o ambiente que enquadra a sua existência podem ser apreendidas a partir de dois ângulos de visão: o da organização do meio humano em função de múltiplos fatores (educação, condicionamento socioeconómico), ou o da determinação da influência do ambiente e dos valores nele inscritos sobre o comportamento humano. (Fischer, 1994: 18-19)

Com base nesta premissa, que consideramos ir ao encontro daquilo que pretendemos demonstrar, o estado de espírito e as circunstâncias do momento condicionaram a perceção que o protagonista de *A Criação do Mundo – O Segundo Dia* tinha dos locais que ia visitando aquando da sua estadia no Brasil, da mesma forma que esses espaços físicos determinaram a formação da sua personalidade.

Torga experimentou, no Brasil, uma dura desvinculação relativamente à sua terra natal, o seu espaço vital, como se esta constituísse o centro do mundo. O apego ao chão nativo impede-o, muitas vezes, de desfrutar da magnificência da paisagem que tem à sua frente. Tal como acontece com o protagonista de *A Selva*, a vivência das personagens oscila entre a rejeição obstinada e a resignada integração. O termo «selva» adquire, por isso, um valor polissémico, podendo expressar o sentido de «perigo» ou «risco» num outro mundo, com outras regras, ou ainda o significado de «lugar selvagem», mas inegavelmente «belo» e «aprazível», porque «virgem» e «incorrupto».

Já foi diversas vezes salientado o protagonismo que o espaço da floresta brasileira assume nos romances em estudo, particularmente no caso de *A Selva*. Em ambos os romances, os protagonistas, ao confrontarem-se com esse espaço, atribuem-lhe conotações diferentes, dependendo de inúmeras circunstâncias, como a hora do dia, a época do ano ou, como salientámos em várias ocasiões, o estado de espírito da personagem. Assim, a selva é encarada ora como um deleite para a vista, ora como uma angústia para o coração, ora como um tormento para o espírito. Nas palavras de António Amorim, «se há uma metáfora constante no modo como Ferreira de Castro traduz literariamente a sua experiência emocional da floresta virgem brasileira, é a de um monstro enigmático e mortífero. Em *A Selva*, o romance onde verbaliza até à exaustão esses sentimentos, todas as imagens com que os exprime são recondutíveis, em última análise, àquela metáfora». (Amorim, 1998: 32) O mesmo acontecendo com o romance de Torga, a experiência de ambos os escritores – e dos seus protagonistas – na floresta corresponde, em suma, a uma provação que revestiu diversas formas: fobias, obsessões, até mesmo o sofrimento físico. Por outro lado, essa experiência proporcionou também êxtase, deleite e fruição.

Tendo este fenómeno ficado já suficientemente esclarecido, ele é a prova dos conflitos emocionais que a omnipresença da selva suscitou nas personagens. A ambivalência emocional que experimentam no contacto com o mundo enigmático da floresta virgem – a atração e o medo – são a prova irrefutável de que esse espaço, único mas diverso, com o qual estabelecem uma relação de empatia, desencadeia as mais inusitadas reações.

Conclusão

Concluimos este trabalho voltando ao seu início, mas apoiados, agora, pelos resultados da análise das obras selecionadas. Em ambas, a descrição da selva tem por base as impressões que a contemplação da Natureza vai suscitando no espírito dos protagonistas, que, desde os primeiros momentos, estabelecem uma íntima ligação com o meio envolvente, que ora deslumbra, ora aprisiona, ora aborrece, ora atemoriza, ora encanta.

Podemos concluir que a força sortilêga que o espaço da selva exerce sobre as personagens continua intacta ao longo da narrativa. No entanto, a floresta brasileira torna-se menos fóbica nos momentos em que as personagens adquirem a capacidade de olhar através dela. É nessas alturas que a floresta é sublimada, abrindo-se a novos registos ideativos e sentimentais, que não apenas o pânico inicial com que brinda quem ousa penetrar no seu interior ou, utilizando o título sugestivo do romance de Joseph Conrad, quem ousa viajar ao «coração das trevas». Verifica-se, portanto, uma transfiguração do estado de espírito das personagens relativamente à perceção da selva, não apenas em determinados momentos da narrativa, mas também, e de forma mais significativa, à medida que a narrativa evolui até ao seu desenlace.

Citando Gustave-N. Fischer, «a sociedade, dizem os sociólogos, é a projecção no espaço da imagem que ela faz de si própria. Qualquer situação é então vista através dessa estrutura de um campo social [...]». (Fischer, 1994: 19) Indo ao encontro daquilo que julgamos ter demonstrado com este trabalho, esta afirmação confirma a nossa convicção de que a relação que as personagens estabelecem com o espaço envolvente conduz a um sistema de interdependências complexas, de que resulta uma influência em ambos os sentidos, isto é, o espaço determina a personalidade dos que nele se inserem, do mesmo modo que a sua perceção varia de acordo com a avaliação subjetiva de que é objeto.

Como explica António Amorim, «a mudança de tom torna-se evidente. Já não é o homem que se rende à selva, mas sim esta que se abre à penetração e à “capacidade construtiva” daquele. Em vez de enigmas e perigos mortais, a Amazónia encerra um tesouro de riquezas prodigiosas, um maná de felicidade futura. Esta outra face do “monstro verde”, luminosa e úbere, é, finalmente, exaltada por Ferreira de Castro como penhor de

“uma grande nação”. Porque o desbravamento e a exploração dos imensos recursos da Amazônia pela gente corajosa [...] é, aos olhos do escritor, a epopeia, por excelência, do génio brasileiro». (Amorim, 1998: 62)

Neste ponto, os dois romances confluem. Em ambos, o poder de sublimação da selva é verbalizado através de magnificentes descrições. E essa verbalização funciona como uma catarse para as personagens e, em última análise, para os autores dos romances em estudo, o que não quer dizer que os medos tenham desaparecido completamente. O que se verifica é que, na ambivalência de sentimentos que a floresta suscita, a fruição da beleza natural possibilitada pela visão do espaço prevalece sobre o terror que o confronto com esta realidade sempre causou aos que ousaram penetrá-la.

No que diz respeito ao romance *A Selva*, a lição mais bela que nos transmite é o reconhecimento de que o Homem, no seu estado natural, obedece aos padrões de comportamento dos índios Parintintins, representantes humanos dos perigos da selva e, por essa razão, símbolos da face mais irracional e instintiva do ser humano. Mas da mesma natureza selvagem brota uma ânsia de amor, justiça, paz e beleza. Nesta ambivalência reside o cerne da espécie humana.

No microcosmo do seringal, Ferreira de Castro pôde observar as duas faces da natureza humana, do que resultou uma aprendizagem que, inevitavelmente, conduziria a uma vasta reflexão sobre o indivíduo e o seu papel na sociedade, adotando, para com os seus semelhantes, uma postura de compreensão, tolerância e compaixão.

O monólogo silencioso de Alberto, nas derradeiras linhas do romance, espelham bem esse desejo utópico:

Não. Não acusaria jamais. A ninguém! A ninguém! Depois do que vira, em si e nos outros, quando o instinto pode mais e acorda mil reacções ignoradas, mil imposições que tiranizam os próprios lúcidos e os desvairam, e os amarrotam, e os igualam aos que trazem alma primitiva, só havia a acusar a origem remota, que não fora perfeita na sua criação. Mas também ela era irresponsável e perdia-se na lenda ou na hipótese, longínqua e obscuramente.

Não. A sua voz não poderia abrir-se em grandes tropos acusadores, sem que a sua consciência e as suas dúvidas se elevassem mais alto e a sufocassem e a emudecessem, irremediavelmente. (Castro, 1980: 288)

A utopia da sublimação do homem foi, sem dúvida, fortalecida pela experiência amazônica da infância do autor, uma provação da qual saiu vitorioso. A caminhada de Alberto na selva amazônica corresponde, já o dissemos, à caminhada do escritor ao interior de si próprio, caminhada essa que constituiu um enorme desafio, mas que determinou o otimismo inabalável em que assenta a sua visão do mundo.

Nas palavras de Ricardo Alves,

A Selva é um testemunho em parte autobiográfico duma experiência intensamente vivida. O que é intemporal neste livro é o homem confrontado consigo próprio num meio adverso, hostil, encarcerado na densa floresta amazônica, no “inferno verde”. Não há um tom de exaltação, de denúncia vociferante a que o tema poderia prestar-se, mas antes uma atmosfera profundamente poética, servida por uma grande contenção que paira por todo o texto, própria de quem carregou consigo um enorme sofrimento durante anos, dele parcialmente se libertando transpondo-o para a ficção. *A Selva* é como um andamento *largo* duma sinfonia de Bruckner: a profunda angústia que a todo o momento ameaça explodir em violência, sempre sufocada no último instante. É essa tensão que percorre o romance que o torna singularmente belo. (Alves, 2002: 55)

Ao contrário do que as primeiras páginas fariam supor, o tom trágico do romance vai paulatinamente dando lugar a uma mensagem de otimismo e confiança, da qual resulta uma esperança renovada na espécie humana.

No que diz respeito ao romance de Miguel Torga, ele espelha a experiência traumática, comum a tantos jovens seus contemporâneos, por terras do Brasil, e o confronto com um espaço simultaneamente assombroso e tenebroso. Nas palavras de António Manuel Ferreira,

As páginas que, em *A Criação do Mundo*, relatam a vida de um jovem português em terras brasileiras documentam uma época pouco auspiciosa da história recente de Portugal. Outros escritores, como, por exemplo, Ferreira de Castro, viveram experiências semelhantes, e delas igualmente fizeram matéria literária. A emigração para o Brasil é recorrente nos contos de Torga, e surge também em escritores que, não tendo sofrido a necessidade de emigrar, reflectem, no entanto, a sociedade em que escreveram os seus livros. É o caso, entre outros, de Branquinho da Fonseca e Tomaz de Figueiredo, em cujas obras o Brasil e os países africanos de língua portuguesa aparecem, ora como lugares de

degredo, ora como paraísos desejados, por oposição à miséria socioeconómica de Portugal. Estas duas motivações estão presentes em *A Criação do Mundo*. Fracassada a hipotética salvação sacerdotal, o Brasil aparece como último reduto da esperança. Mas a maneira como o escritor ficciona a experiência pessoal configura, ao mesmo tempo, um relato de salvação e um diário de desejos naufragados. (Ferreira, 2007: 114)

O mesmo ensaísta confirma a ambivalência de sentimentos que o espaço da floresta tropical suscita no protagonista:

Nascido no agreste jardim transmontano, Miguel Torga é previsivelmente assolado pela energia gigantesca da natureza tropical. E não se trata apenas do esplendor sufocante da natureza física, mas também da seiva biológica e anímica que extravasa os limites da paisagem e determina os comportamentos animais e humanos. Dir-se-ia que o contexto geográfico-cultural transmontano das narrativas contísticas e romanescas do autor exprime a mesma relação simbiótica. E é verdade, mas no Brasil é tudo amplificado em desmesura. (*ibidem*: 115)

Não obstante o tom de admiração com que a paisagem brasileira é descrita nas páginas do romance, cuja beleza natural fazia lembrar, por vezes, «um recanto do paraíso» (Torga, 1997: 137), prevalece uma ideia negativa, apenas purificada quando o protagonista, já um escritor reconhecido, volta ao Brasil, facto que já tivemos ocasião de explicar. Nas palavras de António Manuel Ferreira,

A vida de emigrante é sempre difícil; e a dificuldade aumenta quando se é um adolescente desenraizado, exposto à inclemência de um país distante, e sendo obrigado a crescer sem o apoio protector do espaço afectivo, não só o familiar, mas também o geográfico, porquanto se o homem reflecte a natureza que habita, somos estrangeiros quando vivemos numa paisagem com que não fazemos corpo, porque não crescemos juntos. (Ferreira, 2007: 115)

Para o protagonista de Torga, o espaço da selva tropical é, simultaneamente, um «lugar de sonho e martírio» (*ibidem*: 116), onde iniciou e concluiu o seu processo de formação pessoal, processo esse a que não foram alheios determinados acontecimentos fulcrais da sua vida: primeiro, a tomada de consciência da necessidade de emigrar, para

fugir a um futuro certamente miserável; depois, o confronto com uma nova realidade, simultaneamente encantadora e hostil, no país de acolhimento; finalmente, o tão almejado regresso. Nas palavras de Maria Fernanda Brummel,

Economicamente independente, senhor de um carácter capaz de assumir responsabilidades e de enfrentar obstáculos, lucidamente consciente dos objectivos que pretende atingir na vida, ao concluir o segundo dia da sua própria criação, Miguel resolve por fim o conflito existencial que o atirara para a emigração. (Brummel, 1994: 85)

Várias vezes explanada neste trabalho, a transformação do protagonista do romance resulta de uma evolução interior num ambiente que o hipnotiza e amedronta e é fruto de influências recíprocas. Segundo a mesma ensaísta,

Sendo a *Criação do Mundo* uma obra autobiográfica, o autor-narrador-protagonista não podia deixar de aí tematizar uma vivência tão decisiva na sua vida como foi a da emigração. (*ibidem*: 87)

Convém lembrar que o enriquecimento pessoal do protagonista, resultante da observação de um mundo novo, que ele tão bem descreve, em termos comparativos, com Agarez, permite a construção da sua identidade (a que o autor chama de «universal»), na qual os espaços físicos e geográficos se fundem, muitas vezes, com os espaços mentais e, outras tantas, digladiam com eles.

A temática do crescimento pessoal, fruto de uma aprendizagem muitas vezes dolorosa e amarga, num contexto estranho e hostil, é, assim, um dos ensinamentos que tanto *A Selva* como a *Criação do Mundo* proporcionam a todos aqueles que percorrem as suas páginas.

Consciente de termos trazido para a discussão alguns aspetos até agora não suficientemente valorizados, obteremos enorme satisfação se este trabalho, certamente incompleto e inacabado, puder contribuir, ainda que de forma modesta, para o debate de ideias em torno de duas figuras de extrema importância no nosso panorama literário, pela sua originalidade, pela sua honestidade e, sobretudo, pela sua irreverência.

I – Bibliografia ativa

1. Obras dos autores

CASTRO, Ferreira de (1980). *A Selva*. 32.^a ed. Lisboa: Guimarães & C.^a.

(1988). *O Instinto Supremo*. 6.^a ed. Lisboa: Guimarães Editores, Lda.

TORGA, Miguel (1997). *A Criação do Mundo*. 2.^a ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, Lda.

(1961). *Diário*. Vol. IX. 2.^o ed.

(1973). *Diário*. Vol. XI. 2.^a ed.

(1977). *Diário*. Vol. XII. 2.^a ed.

(1999). *Diário*. Vols. I a VIII e IX a XVI, 2.^a ed. integral. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

(1970). *Orfeu Rebelde*. 2.^a ed. Coimbra.

II – Bibliografia passiva

1. Sobre Ferreira de Castro

ALVES, Ricardo António (2002). *Anarquismo e Neo-Realismo. Ferreira de Castro Nas Encruzilhadas Do Século*. Lisboa: Âncora Editora.

(2004). *Viajar com... Ferreira de Castro*. Edição da Delegação Regional da Cultura do Norte. Porto: Edições Caixotim.

AMORIM, António (1998). *Ferreira de Castro e a Amazónia ou a atracção do abismo*. Oliveira de Azeméis: Caima Press Edições.

(2001). ... *Redescobrir Ferreira de Castro*. Oliveira de Azeméis: Caima Press Edições.

BRASIL, Jaime (1931). *Ferreira de Castro e a sua obra*. Porto: Livraria Civilização.

(1961). *Ferreira de Castro*. Lisboa: Editora Arcádia Lda.

FERREIRA, Ivone Bastos ed. (2007). *Actas do Congresso Internacional dos 75 anos de A Selva*. Centro de Estudos Ferreira de Castro. Grafica Europam.

FREIRE, António (1998). *Ferreira de Castro e a Amazónia ou a atracção do abismo*. Oliveira de Azeméis: Caima Press Edições.

LOPES, Óscar (1966). «Homenagem a Ferreira de Castro». In AA.VV. *Cinquentenário da Vida Literária de Ferreira de Castro*. Lisboa: *Jornal do Comércio*.

MOREIRA, Alberto (1959). *Ferreira de Castro antes da glória*. Porto: Tip. e Enc. Domingos d'Oliveira.

RODRIGUES, Urbano (1996). «A Obra de Ferreira de Castro e o Neo-Realismo Literário em Portugal». In *Vária Escrita*, n.º 3, Sintra.

2. Sobre Miguel Torga

ÁLVAREZ, Eloísa (1978). *Mito y Personaje en Contos da Montanha, de Miguel Torga*. Madrid: Universidad de Salamanca.

BRUMMEL, Maria Fernanda (1994). «Significado e Expressão Literária da Vivência da Emigração em Miguel Torga». In *Aqui, Neste Lugar e Nesta Hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

FERREIRRA, António Manuel. (2007). «O Brasil de Miguel Torga». In *Derivas. Conferências do Departamento de Línguas e Culturas*. Universidade de Aveiro.

FREIRE, António (1990). *Lendo Miguel Torga*. Porto: Edições Salesianas.

GONÇALVES, Fernão de Magalhães (1998). *Ser e Ler Miguel Torga*. Porto: Ed. Tartaruga.

HERRERO, Jesús (1979). *Miguel Torga, poeta ibérico*. Lisboa: Editora Arcádia.

LOPES, Teresa Rita (1993). *Miguel Torga. Ofícios A «Um Deus De Terra»*. Rio Tinto: Edições Asa.

MARINHO, Maria de Fátima ed. (2008). *Actas do Colóquio Comemorativo do Nascimento de Miguel Torga*. Munique: Martin Meidenbauer.

REBELO, Soares (2007). *O Calvário do Poeta Miguel Torga*. Coimbra: G.C. Gráfica de Coimbra.

ROCHA, Clara Crabbé (1977). *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra: Livraria Almedina.

SILVA, Sara Raquel Duarte Reis da (2002). *A identidade ibérica em Miguel Torga*. Estoril: Ed. Principia.

(2007). *Terra Feita Voz. Revista do Círculo Cultural Miguel Torga. N.º 4*. Porto: Humbertipo – Artes Gráficas.

3. Outros estudos

BACHELARD, Gaston (1989). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

DURAND, Gilbert (1989). *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Lisboa: Editorial Presença.

FISCHER, Gustave-N (1994). *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.

ORTEGA Y GASSET, José (2005). «La Filosofía de la Historia de Hegel y la Historiología», in *Obras Completas*. Vol. IV. Madrid.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. (1996). *Dicionário de Narratologia*. 5.^a ed. Coimbra: Almedina.

SILVA, Vítor M. de Aguiar e (1982). *Teoria da Literatura*. 4.^a ed. Vol. I. Coimbra: Almedina